

## Transcrição de vídeo - Ciclo de Debates

Mesa 2 - Memórias faveladas e as Políticas Públicas

02 de outubro de 2023

**Liliana Sanjurjo:** Boa noite, todo mundo. Agradeço a todos, sobretudo, né, do Alan, dos nossos convidados aqui hoje aqui. Essa é a segunda mesa do nosso ciclo de debates, que se chama "Produção de Memórias". Desculpa, "Produção de conhecimento e memórias em favelas e periferias". A gente está aqui na segunda mesa hoje. A ideia desse ciclo, um pouco, né, a gente teve a mesa inaugural no IESP no dia 4, acho que foi, de setembro, 4 de setembro, isso mesmo. A ideia é debater, né, a produção de conhecimentos e a preservação de memórias de favelas e periferias no Rio de Janeiro das últimas décadas, a partir do dia a ano com atores dos territórios que estão envolvidos em diversas ações. Então, a ideia é um pouco a gente criar esse espaço para ser um lugar de encontro, trocas, de reflexões coletivas sobre as múltiplas estratégias, iniciativas e formas de produção de conhecimento já existentes e lançar também um olhar para sobre a diversidade que compõem essas diversas iniciativas, os múltiplos atores e atrizes também que estão envolvidos, né, nessas iniciativas dos diferentes territórios, mas também pensando em formas de pesquisa, sistematização, divulgação de conteúdo do que é produzido, enfim, fazendo essa articulação entre essas iniciativas, as iniciativas da universidade, todos esses diálogos que a gente, que atravessam essas estratégias em forma de produção de conhecimento. Lembrando aqui que esse ciclo de debates está sendo organizado pelo Dicionário, de várias organizações, né, que compõem essa iniciativa, como o Dicionário de Favelas Marielle Franco, da Fiocruz, o Bonde da Palloma, do IESP/UERJ, o Cidades, que eu estou representando aqui, que é um grupo de pesquisa urbana do PPCIS da UERJ, o grupo Casa, Mariana, aqui também, do IESP/UERJ, também temos a Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial. Acho que a Giselle não está aqui hoje, ela estava na nossa primeira mesa, que foi muito bacana. O Instituto Raízes em Movimentos, que é o Alan que vai conduzir daqui a pouco essa mesa, e o Radar de Saúde Favela também da Fiocruz.

**Liliana Sanjurjo:** Bom, para mediar essa mesa, a gente convidou aqui, está participando aqui o Alan Brum, que ele é, por favor Alan. Ele é favelado, nascido no Complexo Alemão, sociólogo, doutorando em Planejamento Urbano Regional, no IPPUR da UFRJ, coordenador de CEPEDOCA, Centro de Pesquisa, Documentação e Memórias do Complexo Alemão, cofundador e diretor-presidente do Instituto Raízes em Movimento, que é uma das organizações que compõe a iniciativa do Ciclo, e é professor convidado do programa de residência multiprofissional em saúde da família e comunidade, da UFRJ e coordenador do plano de ação popular do complexo do Alemão. Então, eu passo a palavra

aqui para o Alan e ele que vai fazer a mediação da mesa e apresentar os nossos convidados.

**Alan Brum:** Obrigado demais pela apresentação. Primeiro, agradecer a todos os parceiros pela organização do Ciclo de Debates. Eu acho que é um debate fundamental para a gente pensar o desenvolvimento de favelas, a produção de conhecimento feito pelas organizações locais, a gente entende que é um ponto estratégico e fundamental para pensar a articulação interna dentro das favelas, mas de um dos determinados favelas, mas entre as favelas para poder pensar em políticas públicas, marcam o território, então para a gente lá no Instituto Raízes em Movimento e para o Complexo do Alemão, onde a gente tem feito um trabalho de articulação, para a gente é primordial estar aqui nesse momento dividindo um pouco com vocês esse propósito. Nosso propósito de trabalho tem uma relação direta de memórias e políticas públicas, entendendo a memória não só como registro sobre o processo passado, mas a memória em que a gente resgata e registra sobre diversas linguagens e que esse registro e esse resgate, ele serve para renovar o debate e a discussão e que isso possa ser o elemento fundamental para incidências políticas, incidências de políticas públicas. E é nesse sentido que no Complexo do Alemão a gente tem feito trabalho de pesquisa, de levantamento de dados, de percepção de políticas públicas, muito, muito também levantamento, não só de dados, mas de levantamento, de percepção dos moradores em relação às principais políticas públicas. Todo um trabalho que a gente vem fazendo também ligado à história e memória do Complexo do Alemão, trazendo um pouco a história das favelas, do processo de ocupação desses espaços periféricos do Rio de Janeiro e promovendo ações no sentido de que todos os agentes públicos que atuam em favela, isso é um debate que está sendo feito lá no Complexo do Alemão e em outras favelas, todo agente público precisa ter no seu currículo, no seu processo formativo, o entendimento, a compreensão, a vivência do que é a vida social em favelas. Então, acho que por isso que eu estou como professor convidado lá da Residência Multiprofissional de Saúde, mas também da Faculdade de Arquitetura, também da Faculdade de Odontologia, também da Residência Médica. Para todas essas faculdades, a gente tem dado aula sobre história da favela, história do Complexo do Alemão, porque são agentes públicos que vão atuar naquele território. E quando a gente fez o Plano de Ação Popular do Complexo do Alemão, que hoje é uma agenda pública do Complexo do Alemão, com 23 organizações, uma das questões que foi colocada de forma enfática são os profissionais de saúde e profissionais de educação que atuam no território, precisam conhecer mais a sociabilidade, a vida social, o cotidiano da favela. E a gente como estratégia, estamos entrando em alguns cursos para poder fazer esse trabalho e tentando fazer um pouco mais focado na nossa região. Então, estamos dando aula para as turmas que já atuam nas clínicas das famílias no território,

trabalhando fortemente com a saúde, mas também com a educação logo logo, também avançando na educação. E a gente tem feito com esse trabalho das políticas públicas no Complexo do Alemão, a partir do plano, a gente tem avançado nos últimos 9 meses com bastante retorno. A estratégia tem dado certo. Então a gente fez um curso de história em memória, reunimos todos esses atores, reunimos as organizações locais, moradores. Não, desejando um morador comum, aquele que não está ligado em nenhuma organização, é um morador, a grande massa de moradores das favelas, também participaram do curso. E a partir dali surgiu todo o debate de discussão na memória e dali que surgiu o embrião para construir o Plano de Ação Popular. E agora está fazendo essa incidência e algumas coisas têm avançado. Um campo da IFRJ no Alemão, 2800 unidades habitacionais, zerando o teste provocado pelo Estado no território do Alemão, uma rede de hortas comunitárias, essas aulas também que estão sendo dadas, tudo isso faz parte, são pautas do Plano que em nove meses conseguiu já tirar do papel. Então é uma estratégia que tem dado resultado e a gente tem dialogado e dividido isso com os outros territórios. Isso é uma experiência do Alemão. Todas as outras favelas, de forma, formatos diferentes, caminhos e estratégias diferentes, mas também têm construído um pouco esse diálogo entre o trabalho da memória e o quanto isso pode impulsionar o processo de política, a incidência de políticas públicas junto ao poder público. Então, nesse sentido, a gente montou, estruturamos essa mesa para que pudéssemos trazer outras experiências, outras formas, outros caminhos, outras estratégias que estão sendo feitas em outras favelas do Rio de Janeiro. E nesse sentido a gente pensou então em trazer favelas distintas, de áreas distintas. O Raízes em Movimento fica na Zona Norte. Então a gente chamou um representante de favelas da Zona Oeste, outro do Centro e outro da Zona Sul. Nós quatro aqui vamos tentar fazer um desenho aqui, um mosaico, um pouco dessa diversidade, da cidade também. Então, inicialmente, gostaria de convidar o Douglas Heliodoro, ele é pedagogo, formado em 2009 pelo Centro Universitário da Cidade, iniciou sua atuação na educação em uma Organização Não Governamental, chamado Instituto Lócus, onde atuou na formação profissional de jovens aprendizes. Na educação, não-escolar, também lecionou na alfabetização de jovens e adultos no projeto social Semeando Amor, localizado na favela de Rio das Pedras, Jacarepaguá, Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Experiência que levou ao curso de especialização em Saberes e Práticas na educação básica com ênfase na EJA, educação de jovens e adultos, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no ano de 2018. Sua atuação na formação profissional também foi determinante para o seu ingresso no curso de Mestrado em Educação pela UFF. Além de experiência em educação não-escolar, ele é servidor dos municípios de Maricá e do Rio de Janeiro, neste último, na qualidade de professor orientador, atua no Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos. Possui ainda aperfeiçoamento em Políticas Públicas de Educação Profissional de

Jovens e Adultos Trabalhadores, pela [não identificado], onde participa do grupo de estudos de pedagogia histórico cristã. Muito obrigado pela presença. Bom, queria chamar meu parceiro e meu amigo, Hugo, chegar pra cá, o Hugo é Cria do Morro da Providência, artista da dança, educador, pesquisador, gestor cultural e doutorando em Comunicação pela UERJ com pesquisa sobre o Morro da Providência. Atuou em turnês com dança em mais de 10 países europeus. Morou nos Estados Unidos a trabalho, sua atuação com intervenções artísticas e atividades educativas, o possibilitou a criação do projeto "Galeria Providência", que pensa o morro onde vive, a primeira favela no Brasil, como um museu a céu aberto. Em 2019, teve visibilidade quando participou do programa de TV do Luciano Huck, teve em sua casa a cantora Anitta, o fotógrafo JL e o cantor Fabel Williams. É o primeiro morador do morro a lançar o livro na Bienal, em 2022, o 'Vem ni mim que eu sou passinho', fruto da sua dissertação de mestrado, cuja pesquisa ficou entre os cinco melhores do curso de Pós Graduação em Cultura e Territorialidade da UFF. Hugo foi gerente de Educação no Museu de Arte do Rio, é ainda idealizador do coletivo de dança, Bonde do Jack, do pré-vestibular comunitário, Marielle Franco, e do Comitê de Emergências SOS Providência. Obrigado, Hugo. E para completar a mesa, eu vou convidar Leandro Castro, homem indígena, cearense, morador da favela da Rocinha, assistente social e mestre de Serviço Social pela PUC-Rio, pesquisador do Laboratório de Estudos Urbanos e Socioambientais, LEUS PUC-Rio, e do Centro Internacional de Estudo e Pesquisa sobre Infância, Ciespi PUC-Rio. Co-fundador do coletivo A Rocinha Resiste, produtor executivo do Museu Sankofa, de memória e história da Rocinha, e diretor de articulação política do Instituto Sócio Cultural Águas do Amanhã, localizado em Sepetiba, Zona Oeste. Bem-vindo! Essa mesa tá que tá ein. Bom, faltou a nossa parceira, que seria mais uma representante do Museu da Maré, lá da Zona Norte, já que estou coordenando a mesa, vou apresentar muita coisa, ela que iria representar a Zona Norte, infelizmente está com, está desconfiando que esteja com o Covid, preferiu não vir, mas era a mulher representante da mesa, que é muito importante também, que essa fala desse lugar também que era importante, mas vamos tentar aqui dar conta dessa diversidade territorial do Rio de Janeiro. Para iniciar a palavra, eu vou passar, vou passar a palavra para o meu amigo Leandro Castro da Rocinha e depois a gente vai rodando aqui para o Hugo e depois para o Douglas Heliodoro.

**Leandro Castro:** Rapaz, o primeiro já?

**Alan Brum:** É o primeiro. Você não é da maior do mundo? Vocês não falam... Tive no IBGE essa semana agora lá em Brasília, no debate do IBGE. Aí está o Michel da Rocinha, ele brigando com a menina do Sol Nascente do Distrito Federal porque foi anunciado que Sol

Nascente agora é a maior favela. Aí agora tu vê, ele ficou lá “nós somos a maior favela”. Vocês não são maiores? Vai lá!

**Leandro Castro:** Bora, né. Eu não sei disso não. Deus me livre de fofoca. Gente, primeiro eu vou dizer que é um prazer estar aqui, representando a Rocinha, representando o coletivo A Rocinha Resiste, o Museu Sankofa, de memória e de história da Rocinha. Começo minha fala agradecendo a quem está na construção desse evento, um evento muito importante para pensar a produção de conhecimento a partir desse lugar, das favelas, a partir desse lugar de também pensar a importância da memória, então, saúdo aí todo mundo que está ralando na construção desse evento, agradecer aqui na pessoa do Alan Brum, mas agradeço a todos vocês, a todos e todas. Hoje eu estou aqui no desafio grande, que é trazer e falar um pouco dessa experiência enquanto favelado, enquanto um homem indígena, cearense, que chega na Rocinha, que faço esse percurso também Nordeste-favela, e vou ali descobrir e me territorializar com esse espaço tão complexo chamado Rocinha. Eu cheguei na Rocinha em 2007, foi o mesmo ano que surgiu na verdade o Museu Sankofa de memórias e história da Rocinha, no âmbito onde se estavam discutindo muito essa questão da relação da própria favela com uma cultura, onde tinham ali reunidos artistas locais, moradores, pessoas de várias iniciativas locais pensando a cultura local, mas também pensando a memória. E aí não tem como falar de Rocinha sem saudar esses mais velhos, essas mais velhas, sem saudar a figura do Firmino, que não está aqui, que é o nosso [não identificado]. E que quando a gente se coloca nessa posição difícil de falar pelo Museu Sankofa, é sempre entender que não só é eu aqui à frente, mas que tem todo um projeto, tem toda uma favela, tem toda uma história e são muitas memórias que compõem esses passos antigos. O Museu Sankofa de memória e história de fato cumpre um papel ali de museu de percurso, na Rocinha, uma outra forma de pensar a museologia, a partir de uma perspectiva da própria museologia social, onde as pessoas perguntam pra gente "Ah, mas e aí? Eu quero visitar o museu, onde que é o espaço físico do museu?" E a gente tem que explicar que o espaço físico do museu é a própria favela, é o beco, é a viela, é a dimensão da vida, é toda aquela energia pulsante que a Rocinha traz e que vocês vão poder ver isso, dimensionar isso, conhecendo o trabalho do Museu Sankofa. Então é uma missão grande de realmente, eu tenho pensado muito nisso, eu fico muito pensando às vezes nos tantos desafios que não só eu como pessoa que trabalho diretamente com a memória enfrenta, mas pensando também em outras colegas, amigos, queridos de outras favelas, de outras periferias da cidade. Eu costumo fazer inclusive uma alusão com a própria filosofia indígena, que o Davi Yanomami me fala muito sobre essa relação dos xamãs de sustentarem os céus. Eu tenho brincado muito, brincadeira séria, na verdade, de pensar que nós, favelados e periféricos, também temos de ver esse papel

grande, que é sustentar as nossas memórias. Então, assim, é um desafio enorme. A minha relação com a Rocinha, ela também se dá muito a partir sempre de memórias que não são as melhores. Na minha apresentação, eu também falo enquanto representação do coletivo A Rocinha Resiste, que é um coletivo de favela que também surge ali em 2018, um coletivo de moradores que traz também essa proposta, pegando uma galera muito mais jovem do que os outros coletivos da Rocinha, no sentido de que todo mundo, a maioria das pessoas também já, ali no começo, acessando a Universidade, e a gente também se pega nesse desafio de criar uma narrativa sobre nosso território, de demonstrar de fato essa identidade favelada, fugindo desse estigma, fugindo desse lugar, de que o favelado é sempre estigmatizado, de que o favelado ele não tem organização, de que ele não sabe pensar processos e construir conhecimento. Então, hoje falar desse lugar, é falar também da minha própria experiência, porque eu fiquei pensando como eu posso colaborar com o Museu. Como eu posso colaborar de fato com esse trabalho, que é pensar essas diversas dimensões da memória local. E aí eu posso falar da minha própria experiência, enquanto pesquisador, eu fiz mestrado pela PUC e durante o processo de pensar o mestrado, eu fiquei muito ali reflexivo entendendo "tá, e aí, um favelado agora acessando uma Universidade, grande, como a PUC, e o que eu vou fazer? Como é que eu me posiciono? Como é que eu me sinto pertencente a esse espaço?". E a gente passa por inúmeras dificuldades dentro desse âmbito acadêmico, sobretudo quando a gente decide falar do lugar e do território onde a gente mora e naquele momento era um momento também de incidência da pandemia e a gente precisava ali de alguma forma se organizar no sentido de que a gente precisava trazer e pensar respostas que o Estado naquele momento não colocava para favela. Uma situação de crise sanitária, humanitária, passando e a gente se pega ali nessa situação de pensar como é que a gente conseguiria incidir e muito através dessas memórias, porque quando eu falo da Rocinha, gente, a gente fala de uma história por desigualdade nessa relação Estado-favela, que denuncia toda uma questão de reivindicações e bandeiras de lutas históricas. A Rocinha é um bairro operário, a Rocinha data do seu processo de ocupação de mais ou menos em 1920. E dentro desse processo são inúmeras as desigualdades que a gente tem quando a gente rememora toda essa história. Existe um livro que a gente brinca que é a nossa bíblia da Rocinha fazendo essa alusão que é o Varal de Lembranças, que foi a grande professora antropóloga da Lygia Segala. E quando a gente retoma aquelas memórias, todo aquele percurso metodológico daquela pesquisa que de fato foi um divisor de águas para se pensar a produção de conhecimento na Rocinha, a gente passa a entender a importância que é se sustentar as memórias. E aí bem, eu estava falando do processo da própria pandemia, da minha própria relação com a academia e como foi ter que lidar com isso. Eu decidi não à toa a estudar as experiências de mobilização dos moradores da favela da Rocinha em torno do movimento

associativo, das associações de moradores locais, escolhi a com maior expressividade, que é a União Pró-Melhoramento de Moradores da Rocinha, e decidi estudar um contexto, que é o contexto da ditadura militar. O que o favelado estava fazendo nessa época? Por que se tem toda uma narrativa da esquerda, da esquerda de classe média, é construindo resistência e você percebe pouco uma narrativa do favelado, porque ele estava fazendo de como que era a favela nesse contexto, de como estava se movimentando, e ali de fato eu podia entender a dimensão já do controle social que já naquela época já se tinha sobre as vidas faveladas. Então, eu fiz ali algumas entrevistas, cinco entrevistas na verdade com moradores que tiveram participação ativa nesse contexto de mobilização dessas lutas nesse período, e também acessei o arquivo nacional, os documentos da Comissão Nacional da Verdade, para rememorar e resgatar a partir de análise documental também dessas memórias faveladas como é que se deu esse processo. E foi assim, nada diferente do que eu imaginava, de fato o favelado estava pensando em coisas que a gente ainda continuou pensando hoje. Favelado estava pensando em moradia, ou Favelado estava pensando em acesso a água, Favelado estava pensando em como resistir a uma cidade que, na maioria das vezes, nega a sua existência, nega o seu lugar, nega a sua produção, a sua importância num conjunto da cidade e sempre tentando nos colocar como se fossemos algo a parte quando, na verdade, eu falo junto dos meus mais velhos que a favela constrói a cidade, ela movimenta a cidade, ela lança as tendências para as mais variadas áreas que você se possa imaginar. Então, eu compartilho isso para falar que realmente esse processo de ser picado por esse mosquitinho da memória foi um processo que realmente parte dessa dimensão de pensar as raízes desse ser favelado, de pensar essas raízes de como não somente entrar na academia, mas como de fato depois de um processo de formação crítica, levar isso para a dimensão da vida, do cotidiano e das lutas e das reivindicações históricas. Então, de fato, foi nesse movimento de olhar para trás, de entender esse nosso passado, para olhar para esse presente de alguma forma incidir sobre esse futuro, que eu cheguei até aqui. E aí, falar sobre memória também, é um papel sempre muito complexo, porque quando você pensa memória, tem uma dimensão muito política e eu tenho pensado muito sobre a memória como instrumento de mobilização política, a memória como um norte, como elementos que vai trazer para a gente o projeto de sociedade que a gente acredita, que é muito para além dessa sociedade capitalista, que cada vez mais ela vai lançando projetos de esquecimento, eu tenho pensado muito nisso. Esse modo de estar na cidade, esse modo de ocupação do próprio espaço urbano é quase um projeto de esquecimento contínuo. É quase aquela maquininha que vai moendo mesmo e que vai fragmentando a nossa própria história, a nossa própria identidade, como é que a gente lida com isso? Então, acho que a partir do trabalho do museu, no museu a gente pensa a relação da memória, a partir da cultura, a relação da memória a partir desses saberes locais olhando,

por exemplo, para as próprias religiões de matriz africana que permanecem ali olhando para a história e a relação, o que que a gente. Algumas pessoas, às vezes, elas falam da favela como esse lugar de, aí trocam favela por comunidade, como se favela fosse uma coisa realmente ruim e a comunidade fosse menos pior, mas a gente acessa e a gente entende que na verdade comunidade é uma essência de como a gente se entrelaça, de como a gente sai de casa, a gente não consegue não falar com o vizinho, não se afetar pelo que o outro está passando quando ele diz que está uma semana sem água, quando ele diz que a casa dele pegou fogo, porque mais um verão chegou e a questão da luz elétrica ainda não foi resolvida na favela, ou seja, quando chove forte e a gente precisa lidar com a questão das enchentes, com deslizamento de terra, com a questão de sempre estar apelando, dizendo que a gente quer sim intervenção urbanística, mas que ela seja feita de forma onde o favelado tem uma participação efetiva. Então, a gente sempre trabalhando nessa perspectiva da memória para dizer, sobretudo para o município, para o Estado e para dar esse recado, que chega de construir projetos e uma política que a própria memória dessas políticas, eu tenho que trabalhar quando pesquisador lá pelo Laboratório de Estudos Urbanos e SocioAmbientais da PUC-Rio, também um processo de acessar documentos dos primeiros projetos de urbanização para as favelas do Rio de Janeiro e para as periferias, né? Esse projeto se chama Memórias do Urbanismo Carioca. E a gente sempre vai rebater nas mesmas questões, né? O projeto é sempre pensar de cima para baixo, né? Não se trabalha essa relação do cotidiano, não se pensa de fato em como humanizar o que aquelas pessoas ali já constroem, a favela também traz essas experiências muitas das vezes de autogestão, né? E aí, mais uma vez falando da pandemia, voltando. Cara, a gente se pegou numa situação de ter que, acho que a primeira coisa que a gente se preocupou foi fazer uma pergunta, né? “E aí, gente, o que a gente faz? O que a favela está precisando? Qual grito que a gente dá agora?” Ninguém entendia nada, ninguém sabia o que estava acontecendo. E a primeira coisa é que quando a gente passa um formulário de perguntas para os moradores, eles falavam que não tinha água. A classe média estava louca discutindo porque queria comprar álcool em gel nas farmácias e o favelado não tinha água, né. Então assim a gente “caramba, vamos começar um processo de incidência para pensar água”. E aí, pensando água, pensando muitas vezes na dimensão da segurança alimentar, de quem naquele período também ficou em situação de desemprego, Então a gente começa uma incidência por cesta básica, por kit de higiene e limpeza. Quando a gente vai ver, a gente está sentado com uma pessoa importante que hoje está dentro da área da saúde, agora enfim, esqueci o nome, mas é importante a posição que essa pessoa ocupa. E a gente está construindo ali um plano de enfrentamento a covid-19 a partir do olhar da Rocinha. A gente está criticando o documento que o Estado criou naquele momento para as favelas. A gente falou "cara, a gente não consegue se perceber nisso". E aí foi quando a

gente começa logo também, e aí sempre consultando os nossos mais velhos. Naquela época, naquele momento, estrategicamente, a gente falou "cara, a gente não vai fazer nada se se tratando de saúde sem não falar com a Maria Helena, que é uma pessoa que está 30 anos ou mais na Rocinha, cuidando da saúde, de fato, resguardando o SUS. E a gente precisa falar com ela. E a gente precisa falar com a Universidade, a gente precisa falar com os movimentos sociais, a gente precisa falar com uma sociedade civil organizada. E aí parece que não, daquele documento que a gente começa a trabalhar ali localmente, primeiro coletivo, Maria Helena, algumas pessoas da PUC, uma galera da Fiocruz, a gente percebe todo o processo de desdobramento de um plano de enfrentamento da Covid-19 para as favelas que depois gerou um recurso de mais de 20 milhões para favelas que agora está sendo atualizado. E que para quem tem boa memória a gente sabe que esse processo começa a se dar dentro dessa incidência política lá na Rocinha. Então eu acho que são exemplos que eu quero trazer para vocês, práticos, né, de como de fato a memória ela pode incidir. E eu acho que cada vez mais a gente está percebendo, quando eu olho para as experiências de outras favelas é muito interessante perceber porque a memória também ela não se faz sozinha. Quando eu vou no Alemão e eu vou no lançamento de um plano de enfrentamento daqui com várias iniciativas locais, com a metodologia participativa, é uma oportunidade maravilhosa que eu tenho de levar isso para a Rocinha, considerando as especificidades da Rocinha, considerando aquela dinâmica local, considerando o histórico daquelas representações locais. Então, acho que a memória de fato ela nos impulsiona, a de fato perceber o que dentro desse percurso histórico nos negaram, o que dentro desse percurso histórico decidiram lembrar, porque também tem isso, né, tem um projeto de esquecimento, mas também tem lembranças que são lembranças bem conservadoras e que escancaram de fato um projeto histórico que se tem para as favelas. Mas eu acho que a gente está cada vez mais caminhando para ocupar espaços que são importantes, a cada vez que a gente se coloca dentro das Universidades, a cada vez que a gente se coloca em mesas como essa, pensando, refletindo. A gente realmente às vezes não encontra ali as respostas porque parte de uma complexidade só, mas são momentos oportunos e estratégicos para que a gente de fato venha a pensar no norte, no caminho que seja de fato um caminho de não esquecimento, mas de enraizamento. E aí eu vou fechar a minha fala, rapidinho, com uma poesia. Muito rápido, curtinha.

**Alan Brum:** Vai usar o projetor?

**Leandro Castro:** Não, Não. Essa poesia foi escrita por mim durante o período da pandemia. Ela está no site do Sankofa e ela se chama Imperfeita Rocinha. "Sigo nessa passarela atento/Vejo verde, esperança/Avisto morro, favela/Te chamam de gigante, mas às

vezes tu te tornas tão pequena/Por isso eu desço, venho aqui embaixo, troco olhares, roubo a cena/Mas não passa muito tempo lá vou eu de novo, subindo ao encontro dessa paixão/Que me faz ficar cansado, leva o meu sono embora/E ainda assim consegues me trazer tantas alegrias/O povo de luta, a verdadeira companhia/Um abraço de vida a cada passo que dou/Via Ápia não descansa/Eita lugar de andança/Gente, moto, trabalhador, panfletos, bala na mão da criança, cano do fuzil para fora/E assim tudo se torna real/Sorriso, corre, dor, alegria, fome, repressão, medo/Eu não te abandono, imperfeita Rocinha/Até te ver assim com tuas raízes bem cuidadas, os teus frutos maduros caindo do pé/O teu grito vai pra longe, seguindo o caminho do vento/Tua força é de árvore frondosa, aliada das histórias fortalecidas nas memórias que tenho de ti/E assim se faz o presente/Terra nossa por desigualdade, por direito, por necessidade de um pedaço de chão para se morar e ser feliz. Termino minha fala assim. Obrigado, gente. Eu vou deixar aqui alguns informativos, que têm um link com QR code, a gente está com vários projetos em andamento, e no site tem muito conteúdo, muito acervo a ser para compartilhar com vocês. Obrigado, gente.

**Alan Brum:** Obrigado demais. A gente vai ter aqui a rodada de apresentação de cada um dos trabalhos, depois a gente vai abrir para que a gente possa ter um diálogo com o público em geral. Então eles voltam, o Leandro também volta logo depois para dar continuidade. Só queria pontuar algumas questões rapidamente e acho que uma frase que o Leandro trouxe, que acho que é fundamental, é entender a memória como um instrumento de mobilização. Acho que isso é muito importante dentro das favelas. É importante porque é a falta de políticas poucas da favela, que é, historicamente falando, das questões mais básicas, desde o início, que era a política da Bica d'água, era aquela luz que era um fio só pra cada associação de moradores distribuir, aquele fiozinho amarelo, pra você ler. Eu ainda lembro da minha infância que era assim ainda. Tinha que ter a Comissão de Luz para decidir como é que distribuía a luz. E a política da Bica D'água, aquela política em que a lógica política eleitoral partidária se aproveitava como uma forma de moeda de troca de votos. Então, entender a memória como instrumento de mobilização é a gente resgatar um pouco toda essa luta e o quanto que a favela foi se constituindo a partir da falta de políticas públicas mais básicas. E entender que o processo de ocupação da favela traz uma característica muito própria da favela. É a característica de que a rua da favela é apropriada pelos moradores e moradoras de forma completamente distinta do resto da cidade. A rua é a extensão de casa, é o quintal. A laje tem um outro significado. Então, todos esses espaços de sociabilidade, ela é extensão de casa. Se a rua é extensão de casa e é pública, a gente, as relações entre as pessoas também dão uma outra forma de solidariedade entre elas. Então, trazer esse resgate dessa cultura de sobrevivência, que é o caldo cultural que foi

forjado a partir da falta de política pública, é super importante porque é do papel da memória para se resgatar o direito básico a políticas mais essenciais necessárias para as favelas. E entender também que as organizações sociais que estão atuando na favela não devemos não vamos nunca nos confundir com o poder público, mas nós estamos ali a partir da escuta ativa, do acompanhamento, de criar, que as organizações locais são fomentadoras de políticas públicas a partir de seus projetos. Porque nós temos uma escuta mais aguçada, mais próxima. A participação é mais direta. A percepção que nós já trazemos na memória sobre as nossas vivências também permite que a gente crie algumas estratégias, que é essa cultura da sobrevivência. Todo mundo quer sobreviver e a favela não é diferente. Então a gente entende que, no momento que o trabalho dentro das organizações de favela tem êxito, ela precisa ser apropriada enquanto políticas públicas para ganhar escala, mas nós somos fomentadores desse processo também, além de a incidência política. Essa autogestão, esse trabalho, hoje a Providência está gerindo um trabalho a partir de recursos de plano de enfrentamento da favela que o Leandro trouxe. Aquele trabalho começou na Rocinha com ele e Magda, agregou eu lá no Alemão com Raízes, Itamar no Santa Marta, aquela mulher que eu esqueci o nome dela, agora fugiu. A menina também da Cidade de Deus, e a gente começou com a discussão, que estava tudo errado, os planos para as periferias. E aí, agregamos a Universidade, fomos articulando, chegamos na Secretaria Municipal de Saúde. Não teve eco, fomos para o Parlamento, conseguimos tirar 20 milhões. Foi para Fiocruz que está até hoje gerindo e entrando em mais recursos agora. Começou com 54 favelas, agora são 90 favelas. E o movimento de recursos públicos, que começou na mobilização da Rocinha que se expandiu para mais cinco favelas e depois fomos ampliando e hoje tem 90 projetos no Estado do Rio de Janeiro. É nesse sentido que a memória faz diferença, porque a gente peitou de que o que estava sendo colocado pelo poder público para a sociedade não cabia na favela. E a gente foi construir um plano que voltasse para a favela efetivamente. Sem mais delongas, a palavra meu amigo Hugo da Providência.

**Hugo Oliveira:** Obrigado, Alan. Estou muito feliz de poder estar aqui, para mim é uma honra, e uma alegria mesmo, principalmente de ser chamado de amigo do Alan. Durante tanto tempo, a gente vê esse projeto ali, acompanha e saber de alguma forma que a gente está nessa rede e ser convidado para poder contribuir também. Isso é muito legal assim, eu estou muito feliz. Lembro de um tempo atrás ter visitado o Circulando e ter ficado maravilhado, com aquilo tudo que estava acontecendo, e a polícia passando, e a galera.

**Alan Brum:** 16 de dezembro já falando para todo mundo registrar no calendário vai ter Circulando esse ano, tá?

**Hugo Oliveira:** É um evento que o Alan realiza lá no Alemão e como aquilo era inspirador para mim assim. Ver as pessoas do próprio ambiente produzindo coisas que são diferentes assim. Sou fã, sou do hip hop, tenho uma relação com esse território mas o Circulando tinha rock, produção de debate, planta e um monte de coisa. Como um moleque ali eu fiquei olhando aqui e falei "que diversidade incrível" como não podia existir mais coisas como essa, então é muito legal ficar, estar aqui e poder participar disso. Quero agradecer a Palloma também pelo convite, por estar aqui também logo logo vocês vão entender um pouco mais o porquê e a relação. Queria agradecer também os outros organizadores do evento, porque eu acho que um espaço como esse super qualificado coloca a gente em conexão e faz com que a gente possa ter sentido. Algumas coisas que foram ditas aqui e por vezes a gente está lá na nossa favela produzindo algumas coisas e poder participar, por exemplo, dessas redes e perceber que a gente está produzindo isso com a qualidade que a gente tem e que isso não está em um determinado lugar, isso faz parte de fato de um movimento, sabe? A gente ganha força, ganha fôlego e dá para a gente poder avançar. Então, queria iniciar minha fala trazendo esses primeiros comentários. Lembrar que eu tenho aqui alguns adesivos da Galeria Providência, então no final eu queria poder distribuir também, falar sobre isso, para eu não esquecer, porque eu sou bastante esquecido. E só pegar um ponto final. Você põe no YouTube, por favor. Aproveitar esse comentário que o Alan estava falando da Fiocruz, eu acabei de vir, e a última atividade que eu realizei hoje na Galeria Providência foi uma avaliação final com o Richardson, que é o nosso coordenador, de tudo ter sido entregue, prestação de contas, a parte financeira, os relatórios. E assim, foi muito, muito bom, assim, sabe? Você gerir um recurso, a gente conseguiu o maior recurso, dali de quantitativo e tal. E nem sempre as pessoas acreditam. Eu participei durante um tempo da Secretaria Estadual de Cultura e eu lembro que a Secretária na época, quando a gente estava discutindo o recurso para a favela, ela criticou os programas que a gente estava propondo para a sociedade, disse que 40 mil era muito tempo para a favela. E aí você vê um projeto como a Fiocruz, que chega junto e consegue compreender, essa era a fala que eu estava tendo com Richardson na parte da tarde. Quais foram os pontos positivos, vocês acham que os mecanismos que a gente utilizou para aferir o desenvolvimento, a aplicabilidade, os recursos, como vocês sabem, era pesado, foi demais? Foi demais? Eu falei "não, acho que pelo contrário". A questão era que o recurso é sempre pouco, sempre pouco para a gente e para a quantidade de equipe que a gente tinha, a gente não conseguia fazer melhor, mas tudo que a gente prometeu, que a gente submeteu o projeto, a gente realizou e falou "não, sem dúvida, isso vocês fizeram", mas a gente sempre fica com essa sensação de poder ter feito mais. Aí, no final da apresentação aqui da Galeria Providência, eu falo um pouco mais sobre o SOS Providência, que foi esse

comitê de mitigação dos impactos da COVID-19 que a gente precisou também criar, tá? Mas é isso. Eu vou iniciar minha fala com um vídeo que foi a nossa última atividade lá na Galeria Providência. Todo ano a gente realiza uma intervenção no morro e a gente realizou uma intervenção na Java, que foi a nossa primeira intervenção com o urbanismo tático. Então esse videozinho vai falar um pouco sobre isso e depois eu discorro de forma mais acelerada sobre o que é a Galeria Providência, tá?

[Exibição do vídeo]

**Hugo Oliveira:** A gente criou, durante, a gente recebeu o FOCA aquele fomento à cultura e ficamos pensando em como a gente ia utilizar esses recursos. Então eu pensei em duas formas. Uma, a gente precisava formar jovens, mais jovens, na Providência para poder conhecer um pouco melhor a sua favela. Então a gente construiu um curso de mediação cultural durante três meses e pensando juntos com outros projetos do território como é que a gente podia pegar esse dinheiro e fazer um espaço, sobretudo um espaço que a gente foi identificando que não tinha mais, que era um parque. Quando o teleférico chegou lá em 2010, eles tiraram a praça Américo Brum que era o principal local da parte mais alta do morro, de atividades das crianças. Então de fato a gente estava sem um lugar, sobretudo ali na Java, que é um lugar com grande fluxo de pessoas. Então, conversando com a Alessandra, com as meninas da Lanchonete e Lanchonete, que também fazem um trânsito por ali, a gente identificou que era importante ter um outro espaço onde as crianças podiam estar. E a gente olhou para a Java, a Java já era um lugar onde os moradores já passam. Quando o morador não consegue subir de moto taxi ou de kombi, o principal local de acesso para o morro é na Java. Então você tem um fluxo aí muito grande, principalmente porque está muito perto da Central. O prédio que a gente utiliza é um prédio que é da prefeitura, é um prédio que foi criado na época de 2011 depois do acontecimento com os camelôs que pegaram fogo e tal, então precisaram trazer esse grupo de pessoas, a economia popular que estava ali para aquele local, só que fica atrás da Rodoviária. Então aquela Rodoviária é o principal motivo das pessoas poderem circular ali pela Central. Uma vez que você pega essa população que está ali vendendo, está ali trabalhando, ganhando seu ganho a pão, e bota para trás desse fluxo, as pessoas não vão para trás da Rodoviária e é que o lugar ficou ocioso. E aí com a nossa ocupação, desde que a gente chegou lá, e, inclusive, com parte do recurso da Fiocruz, a gente tem realizado essas atividades. Então, acho que é que eu consigo passar. A Galeria Providência é um projeto de educação, de intervenções artísticas, que pensa essa ativação cultural do mundo da Providência e ela é realizada pelos próprios moradores. Esse projeto, ele objetiva ter um reconhecimento da favela como parte integrante da cidade, estimulando esse desenvolvimento social. O que

tem estado mais próximo do Alan. Uma das coisas que a gente, inclusive recentemente, que eu fui impactado, foi entender, inclusive, que a gente tem uma Secretaria de Planejamento Urbano e a parte da favela não sempre está sendo debatida dentro do planejamento urbano. A parte da favela vai estar na habitação. E essa já é, por exemplo, uma questão. Como é que a favela é pensada? Somente pelo viés da habitação, não como uma parte para ser pensada como esse desenvolvimento de um planejamento. Então, eu vou passar essa parte aqui. Um dos principais motivos que me fizeram pensar a Providência, como um jovem de favela, nem sempre a gente está com esse senso crítico tão apurado como a gente está aqui hoje. Eu era um moleque, filho de estivador, neto de nordestino, que tipo, eu estou querendo viver a vida, não estou querendo pensar os problemas do meu morro, sabe? Até que determinado momento alguma coisa me atravessa. Esses foram um dos principais atravessamentos, só que tem um antes, eu vou chegar nesse aqui. Eu estava em um turnê pela Europa com um grupo que eu fazia parte e tal, de repente surgiu um [não identificado] grandão da Providência, eram umas fotografias do Maurício Hora, parceria com o JR, e aquilo me impactou muito, assim, ver a Providência num lugar de estíma, assim, eram muitos moradores, as fotografias estavam no metrô de Luxemburgo, eu falei "caraca, que maneiro". É uma das primeiras lembranças que eu tenho, assim, de autoestima, de falar "caraca, é a minha favela, sabe, o lugar onde eu moro". Eu volto para o morro, converso com o Maurício. E aí ele "é, está acontecendo, tal". Logo em seguida, não sei se foi lá em seguida. Acho que foi lá em seguida, enfim. Tá, ali nesse intermeio, a gente tem as intervenções do JR lá no Morro, mas ainda são coisas muito deslocadas. Não sei se todo mundo sabe, JR é um fotógrafo francês, que vem desse lugar da rua também, tal. Mas ainda é um muito deslocado, que ele é gringo, né? Então, como gringo, chega sempre aportando ali com uma nave espacial, um monte de nomes importantíssimos. A imagem que eu, metafórica, tenho na cabeça é isso assim, uma nave que posa de tempos em tempos na Providência traz o Pharrell Williams, Lewis Hamilton, Anitta, Luciano Huck, faz aquela parada depois vai embora, sabe? Tem lá atividade recorrente com as atividades para as crianças e tal, mas logo em seguida o JR bota todos os quadros dele para poder vender em alguma galeria da Zona Sul. E ele faz capital com isso. E aí, assim, é só uma análise, tá gente? Não estou aqui. É só uma análise crítica, inclusive, de como a gente fica, quais são os ganhos que a gente tem, para além do trabalho que eles executam na Casa Amarela. E eu, como, por exemplo, tenho, sou um cara que estou pensando na providência de outras formas. Então, isso era uma parada que sempre ficava para mim. Com as obras do Porto Maravilha, isso me atravessa ainda de formas maiores, assim. Porque é isso, né? Agora a cidade vai poder estar num lugar que, historicamente, ninguém queria estar. Ali é o primeiro subúrbio da cidade, então é a parte de trás da cidade. Quem estuda a cidade vai ver que a cidade é formada a partir dos quatro

morros, do Morro do Castelo, do Mosteiro de São Bento, a gente tem o Morro da Conceição e Morro do Castelo. Eu já falei Morro do Castelo. Santo Antônio.

**Alan Brum:** Santo Antônio foi metade destruído ali na Carioca.

**Hugo Oliveira:** Isso, exatamente. Então você tinha essa projeção pra lá, né? Depois que vai ser pensado ali, não é à toa que o Museu dos Pretos Novos era o local que era de descarte, aquilo ali chamam até hoje de cemitério, mas aquilo ali na verdade não era um cemitério, era um lixão, porque a forma como aquelas pessoas foram enterradas não tinha nenhum resquício de dignidade. Então, entende-se, inclusive depois que o conceito de cemitério vai ser implementado enfim. E aí começa essa movimentação de obra, a gente já tinha passado, como a própria Palloma descreve muito bem no trabalho dela, um trabalho de tentativa dessa imagem de um Museu a Céu Aberto pela Lu Petersen. Ah, mas já? Meu Deus.

**Alan Brum:** Já!

**Hugo Oliveira:** O Museu a Céu Aberto, a gente tem a morte dos três jovens por conta da intervenção que aconteceu, na época, pela Secretaria do Crivella, estava na Secretaria de Pesca, Ministério de Pesca e tal. Enfim, o fato é que muitas transformações aconteceram e a realidade que eu tinha era essa aqui, que é a da Providência muito distinta do que a gente viu lá embaixo. A gente vê um chão ali, um recurso muito grande, e desse lado nada chegava. O que chegou foi aquele teleférico, que inclusive a gente não pediu, já falei da intervenção que a gente teve com a tirada da nossa praça. Então, a forma de eu poder pensar isso não dá pra só explorar isso a partir dos lugares críticos. Eu acho que bebendo dos movimentos sociais, eu acho que pensar a arte, pensar a memória, pensar a cultura também é uma estratégia inovadora da gente falar dos problemas sociais, inclusive pra dentro do morro, porque a gente chama algumas pessoas para poder, "Pô, vamos lá protestar, enfim, a discussão política, pô, não tem tempo, tô trabalhando, pô, isso é um negócio chatão, já sei onde vai dar, sobretudo depois do que aconteceu com a Mari, sabe, minha mãe fica super preocupada comigo". Me projeta para um lugar assim, "Mãe, eu não sou ninguém, a Mari é uma pessoa enorme". Assim, eu sei que pode acontecer, mas, dado os números e as proporções. Então eu penso muito nesse lugar, que é o lugar que eu estou, como também uma metáfora das relações que a gente tem da cidade. O fluxo cotidiano das pessoas passam ali são 600 mil pessoas. Obviamente a maioria das pessoas são trabalhadores que vêm para o Cento e Zona Sul para poder servir, mas a gente tem um potencial muito grande ali por conta dessa encruzilhada, dos acontecimentos que acontecem com a vida. Então, aí eu vou passar rápido, essa é a Lu Petersen, esse é o que

fala sobre o Museu aberto, a ideia de galeria, a gente pensa a galeria de fato como esse lugar também a céu aberto, né. Aqui a equipe, aí todo ano a gente escolhe um local no morro para poder fazer uma intervenção artística e a gente traz esse ambiente que hoje está na internet, o morador vivenciou na infância, porque a Providência inclusive teve lugar, tem escola de santo, tem bloco, teve clube, né, voltado para pessoas negras e específicas, candomblé e tal, botar isso de novo na rua. E acho que esse é um grande potencial, envolvendo artistas, aproveitando os equipamentos culturais que a gente tem na própria região, fazer parceria, como foi o caso do Museu da Manhã, o Museu de Arte do Rio. E aí, todo ano, a gente escolhe um local para fazer um debate, escolhe um tema, e bota um morador como protagonista desse local. E aí, pode passar para mim, o que eu queria trazer como relato de memória, e inclusive, vendo isso, só para terminarmos isso, eu vou apresentar, foi que isso me levou a um lugar. Eu sou um pesquisador do campo da Comunicação e sempre pensei dança. Na graduação, eu estudei o passinho como uma ferramenta de educação. No mestrado, eu entendi isso como uma confluência de construção de cidadania e de transformação. E chegou a um determinado momento, sobretudo com as discussões que estão ocorrendo com a região portuária, eu vi que seria importante colocar a Providência no mapa, porque a Providência não está no circuito da herança africana. Isso, para mim, foi uma parada muito cara, inclusive, para olhar para o movimento negro e falar "por que que a Providência, como a primeira favela, o reduto do pós-abolição, onde pessoas escravizadas subiram como uma solução de moradia, não aparece?". E aí a gente entende que ali tem outras disputas, disputas internas também, que pessoas estão, enfim, querendo. Então me colocam nesse lugar. Aí pode passar para o outro slide, que é aquele grandão que. Aí só vou mostrar rapidão que hoje é o meu tema de doutorado pensar essa ancestralidade de memória e afro futuro a partir da Providência. Então eu fui investigar essa Providência e por que essa Providência não aparecia e aí aos poucos eu fui entendendo a partir inclusive principalmente da Chimamanda, "O perigo de uma história única", porque sempre vão falar da Providência. Qual a máxima da Providência? Guerra de Canudos, subida daquelas pessoas e tal, não sei o que. E assim, já tem informações, tem dados, que já havia habitação de pessoas morando ali, inclusive chineses, imigrantes. O morro antes do processo de favelização que é a parte mais alta. Você tem na parte da ladeira do Barroso, da ladeira do Livramento, da ladeira do Farias, a Rua do Monte, todas as casas ali elas estão uma estrutura arquitetônica colonial, as casas são enormes, então é muito importante pensar qual era o tipo de moradia que tinha ali. Então vai ter muitos registros no Arquivo Nacional que vão mostrar que ali, inclusive, existia fuga de pessoas escravizadas, um local desses redutos também. Então pensar a Providência a partir de um outro local. Aí venho fazendo essa pesquisa e aí descobri que lá na Providência você tem uma igreja de 1670, você tem uma outra igreja que é essa aqui,

que é a Nossa Senhora do Livramento, inclusive Machado de Assis foi batizado aí. E tem também.

**Alan Brum:** Aquela é a Capela?

**Hugo Oliveira:** É, uma capelinha que, que há documentos que mostram que o de Guatranha, numa das invasões da cidade do Rio de Janeiro, ele criou uma atalaia. A atalaia é um local onde você fica vigiando a invasão de outras pessoas. Então, essa Atalaia se tornou, em 1910, depois um oratório. Então, é uma informação importante para a gente poder pensar, inclusive, o desenvolvimento da cidade. E aí eu penso a Providência, como esse lugar de 360, que ficou observando o Brasil Colônia, o Brasil Império, o Brasil Joônico, o Brasil Contemporâneo, mas nem sempre estava como protagonista, fechou. E aí é isso. Aí é uma outra igreja que eu achei também, que é de 1933, essa fica literalmente atrás da minha casa. Aquela pontinha que está ali, a minha casa é atrás. Essa é a Rua Camerino. E aí, enfim, eu venho discutir um pouco sobre isso. Eu estou fazendo esse levantamento. São mais de 240 fotografias, gravuras, litogravuras, para poder mostrar que a Providência está nessa relação com a cidade do Rio de Janeiro, não só, mas também com a história do Brasil e ela tem sido sofrida, um processo de apagamento proposital. Hoje faço parte do Comitê Gestor do Cais do Valongo, que está pensando aquele museu, um museu ainda sem nome, um museu da diáspora, junto com o IPHAN, junto com o Ministério da Igualdade Racial, o Ministério da Cultura, e a gente está aí para poder fazer acontecer. A gente fez o SOS Providência, para concluir mesmo. Só para falar, uma das coisas que a gente achou muito interessante, que eu consegui junto com os moradores, foi conseguir naquela época construir o que a gente chamou de tecnologia social de comunicação, que é o morador-monitor. A gente dividiu o morro em dez áreas e em cada área a gente levantou dois moradores para escoar todos os mantimentos, materiais de limpeza e de higienização que a gente recebia como forma de fazer a democratização desse material. E aí a gente registrou isso, virou tese de doutorado, tem sido apresentado em outros lugares, em parceria com a UFRJ, pessoal do IPPUR, do Negran. Hoje a gente tem pensado agora um curso de extensão, a gente vai fazer uma ação agora nesse mês ainda, de mapeamento de 50 pessoas, tatuar essas 50 pessoas em um lambe-lambe, também para discutir, porque no 20, o IPHAN junto com o Comitê Gestor vai colocar finalmente os módulos de informação lá na praça do Cais do Valongo, porque ao longo desses anos, desde 2011 e 2011, não tem um informativo de que ali foi, recebeu o maior tráfico atlântico do mundo. Então é isso. Desculpa.

**Alan Brum:** Obrigado demais Hugo! Eu acho que trouxe também mais questões, então, trouxe de novo a questão de que a memória ela traz também, funciona como instrumento da

mobilização, me fez lembrar, um trabalho que eu faço há mais de 12 anos, mais de 15 anos no Alemão. Eu trabalho cartografando o Complexo do Alemão e eu vou contando a história caminhando com os alunos. E é interessante que os alunos, são alunos de ensino fundamental, de ensino médio, também faço com a galera da graduação e ele vai contando a história, só que você trouxe aqui, me fez lembrar, que a história e a memória da favela não está em si só. Ela faz parte da história da cidade, do Brasil e do mundo. Então a gente vai contando a história dialogando com o processo de industrialização do país, do processo de industrialização, deslocamento dos eixos, dos espaços de industrialização. Qual o nome que dá, gente?! Aquele espaço, local da industrialização, tem um nome que dá.

**Público:** Pólo?

**Alan Brum:** Pólo industrial do Brasil, do Rio de Janeiro, que foi São Cristóvão, toda aquela área ali da Zona Norte, hoje a Zona Oeste, né, o pólo da cidade. Então, como é que essa relação da industrialização do país, mudança da capital, como é que se vai impactando e isso tem correlação com a própria história das nossas favelas, né? O Complexo do Alemão, por exemplo, era para ser Complexo no Polonês, né? Porque o nome que dá o nome lá é o Polonês, que foi morar lá. Então, e a gente começa a contar essas histórias e dialogando com a história da cidade do país, aqueles mesmo jovens que chegou na atividade falando que se odiava a aula de História, quando ele percebe que está contando a história do mundo, mas ao mesmo tempo, a história da sua vida, da tua quebrada, do teu lugar, muda completamente a configuração do processo. Então, mais um sentido de que a memória é importante como processo de ampliação de conhecimento, porque o conhecimento tem dialogado muito com os professores da rede pública. O conhecimento produzido, é trabalhado, conteudista, das escolas, afasta muito esses alunos. E quando a gente faz uma atividade dessa simples de um dia, né? Acho que a gente consegue agregar caminhos pedagógicos diferentes que podem contribuir. E o outro ponto é o trabalho que está falando com vocês, do processo de formação sobre a história da favela no processo formativo com quem dialoga com a própria favela. Então a Palloma estava falando um pouco hoje sobre a gente fazer um mapeamento de quem produz conhecimento e dados sobre favela, e a gente fazer uma mesa, um trabalho para amplificar um pouco o que tem sido produzido. Eu tenho dado aula lá para algumas graduações sobre a história da favela. Você também já trouxe alguns de fazer também uma eletiva. Eu acho que são esses, eu acho que são alguns dos caminhos, e que a gente possa ampliar o que é pensado nessa vida social da favela e ampliar para outros espaços. Sem mais demora, meu amigo, parceiro. Faz o convite.

**Hugo Oliveira:** Dia 14 do 10, agora, a gente vai fazer um rolé das artes, que é o que a gente ama, então a gente vai poder contar esse com mais calma e visitando todo esse trajeto, saindo do Museu de Arte do Rio e chegando até o Cruzeiro, a parte mais alta do Morro, então senta os convidados, tá bom? Gratuito!

**Alan Brum:** Reafirma no final que você vai falar de novo. Meu amigo Douglas Heliodoro, lá do Rio das Pedras, a gente também tem feito aí um diálogo aí bastante profícuo nos últimos meses, desde, trabalho já alguns anos, que ainda está avançando. Mas é isso! Por favor, meu amigo, bem-vindo aí.

**Douglas Heliodoro:** Boa noite a todos, todas e todes. Primeira resposta, né, falar, depois dessas feras aí. Primeira favela, maior favela e Rio das Pedras está aí entre elas. A terceira maior favela do Brasil. Agradeço aí pelo convite, pela articulação. Agradecer a Palloma, a todas organizadoras do evento. Alan que está sempre nessa articulação e nessas conversas. O Raiz é um espaço que eu aprendo muito, que eu participo de muitas atividades lá e eu tenho o Alan como mestre de formação.

**Alan Brum:** Não chama de [não identificado] nem de antigo não.

**Douglas Heliodoro:** Eu sou cria, né, da favela de Rio das Pedras. Nascido e criado, hoje eu não resido ali, mas é o espaço que eu atuo politicamente o tempo todo, toda a minha família, meus amigos de infância estão lá. E o Rio das Pedras é uma favela, a gente está falando de memória, né? É uma favela que, a princípio, eu vejo como um lugar de apagamento da memória, ou de uma não-sistematização dessa memória, obviamente existente ali. Isso se dá, obviamente, pelo crime organizado que toca naquele espaço e que cerceia de várias formas a atuação política, a construção cultural, enfim, durante muito tempo. Não à toa o Rio das Pedras, acho que existe uma olhar sobre o Rio das Pedras que é carregada de utopia, e aí citando um pouco o livro do Burgos lá na PUC, e também de estigma. Esse lugar que foi vendido como um lugar pacífico, que não tem tráfico, que não tem violência, como ao mesmo tempo, é um lugar que todo pesquisador, todo político do campo progressista da esquerda, quer entrar, mas tem muito medo de entrar. E de fato é um lugar difícil de entrar. Então quando a gente consegue fazer algumas articulações e alguns movimentos no Rio das Pedras chama a atenção de muita gente. Às vezes hoje eu estou em alguns espaços, e eu acho que "caraca, você atua no Rio das Pedras, sinistro". "Pô, tu é foda de fazer isso?". Não. A gente tem que dar um passo atrás e olhar a galera que estava trabalhando lá há muito tempo e é um pouco nesse movimento de reconstrução dessa história, de buscar essa história, de transformar isso em isso que a gente tem atuando. E aí eu já cito aqui o Carlos Silva, que é um camarada que está desde o início lá

da favela, tocando várias lutas de ocupação, e que eu dialoguei muito com ele e a gente está sempre dialogando sobre o Rio das Pedras. E aí eu quero falar um pouco a partir, inclusive da associação de moradores, que é esse espaço contraditório, que inicia lá em 1979 na primeira associação, e vai até a década de 90 sendo um espaço de fato dessa construção de ocupação de Rio das Pedras, de ocupação do areal, diálogo com o poder público, um movimento de ampliar aquilo ali e garantir moradia e tal, e depois de um certo momento, a partir da década de 90, ali em 93, vai assumir, vai começar a assumir associação de moradores, uma galera mais ligada diretamente ao crime organizado, vou usar esse termo, porque está gravado, para poder ir ocupando a associação de moradores e tirando esse caráter comunitário de disputa com política e composição da favela com outros interesses, sobretudo econômicos, que depois vai se desvelar nos anos 2000, principalmente a partir do Nadinho, antes dele um pouco, mas principalmente a partir do Nadinho, como um espaço de poder político, de projeto, um poder não, um projeto político que está sistematizado na disputa de poder que a gente viu acontecer. Aqui é um pouquinho, né, dessa ocupação do areal, da areinha, no momento do governo do Brizola, do governo que dialogava também com essas lideranças, e que ali havia de fato uma preocupação com a moradia, uma disputa com uns donos, né, daquela localidade. Rio das Pedras vai crescer de maneira abrupta nos últimos anos, tem um processo de verticalização enorme. O último censo saiu com um dado de 54 mil moradores, mas assim a associação faz esse levantamento e é um levantamento pautado na questão econômica, então penso ser mais assertiva e, sobretudo, acompanhando a dificuldade que os recenseadores tiveram de atuar em Rio das Pedras, por causa de pagamento, enfim, uma série de coisas que certamente não refletem nesse dado. Então hoje Rio das Pedras está como uma favela, a terceira maior favela do Brasil, em número de domicílios, e uma favela que tem uma densidade demográfica enorme, gigantesca, que enfrenta e obviamente diversos problemas, demandam, desde saneamento, uma série de outras coisas que a gente vai escutando. Então a associação, a partir da década de 90, acho que ela assume um papel de monopolização da faixa social, um braço econômico muito forte, e dessa mediação com o Estado. O que o Edmilson quer, ele conta um pouco dessa história, de cria da favela que não viu na favela um espaço de atuação política. Não viu na favela um espaço de uma ONG que seja, não que toda ONG seja boa, mas uma ONG que seja para fazer uma contraformação, uma formação com progressismo, uma formação, uma inserção em atividades culturais, isso ficou muito monopolizado na associação de moradores, devido a esse projeto político que se teve. Então, qualquer atividade acontecia pela associação. A gente não teve outros espaços de formação, senão, na Associação de moradores. E, obviamente, isso também cerceou bastante as lutas e surgiram outras demandas de luta. Teve o Favela Bairro, teve outras situações de luta. Eu passei por duas remoções, e aí eu

fiquei bolado com isso, de não poder, de alguma maneira, me organizar e está organizado com outras pessoas reivindicando a não remoção. Porque a gente passou por uma remoção, que foi pro [não identificado], morava ali na Palmira, e meu pai, que morava no Areal, passou por uma remoção que foi do César Maia. E essas duas remoções, a galera que vinha medir a sua casa e marcaram que você ia sair, trabalhava na associação. Então a associação tinha [inaudível]. E aí eu tive uma breve passagem pelo IPPUR, na especialização, não cheguei a concluir, perdi o meu emprego, mas eu fui com essa ânsia de estudar um pouco essa arena política, se as disputas estavam postas, porque que a gente aqui, a gente não consegue se organizar, a gente não pode se organizar e entender um pouco essa dinâmica de disputa ou de ausência. A meu ver, no primeiro momento de ausência e de disputa, sem conhecer essa memória de luta que estava sendo apagada durante o tempo. Que existe, né? Lá, nessas primeiras presidências da associação de moradores, essas primeiras lideranças, com o próprio Carlinho, que fez toda a divisão de ocupação dos areais, Areal I, Areal II e Areinha, o Pinheiro, uma galera que o tempo todo organizou essa luta por moradia. Teve ali num dado momento, essa autonomia diante do crime organizado local e garantiu ali moradia para muita gente. E essa memória hoje é um pouco apagada. No Conexões Periféricos, que eu vou chegar daqui a pouco, o coletivo que eu faço parte, que eu fundei com os amigos, com a juventude de Rio das Pedras, a gente provoca dentro dos grupos dos espaços e tal, no MST, e a galera tem um discurso muito anti-esquerda, muito anti-comunismo e tal, e tudo que a gente pode nesse sentido a galera vem, como se o Rio das Pedras não fosse um espaço ocupado, como se o Rio das Pedras não fosse um espaço que teve luta por moradia. Todo mundo comprou sua residência, é um lugar muito valorizado e tal e esse negócio da ocupação não vale para cá não. Não vale aqui não. Então tem esse discurso muito forte. Bom, já vou pular para o Conexões, que é esse coletivo, que é o coletivo que eu faço parte. A gente idealiza esse coletivo a partir do encontro nas ruas, que é esse espaço de fato democrático, de participação política, que a gente não tinha esse espaço ali no Rio das Pedras. Então, em 2003, naquelas manifestações que aconteceram, eu encontrei no Centro do Rio, que aí já estava circulando por outros espaços, uma galera jovem do Rio das Pedras que estão ali meio assim querendo participar aquele momento, querendo entender aquele momento e ir se colocando à disposição na participação, coisa que, na verdade, a gente não tinha essa liberdade de fazer. A gente se encontra ali e tal, encontrei o Fernando, um camarada do Conexões e que está lá no curso, e outra galera, e, se juntou, a princípio num grupo de Facebook. Começou a juntar essa galera que a gente ia encontrando e que queria participar de alguma forma, queria fazer alguma coisa. E aí só em 2017 vai nascer completamente, na escola, que é o espaço que a gente tem dentro de uma favela como o Rio das Pedras como proteção para atuar politicamente. Dentro da escola do Caíque, a gente vai conseguir juntar esse coletivo

e fazer uma série de oficinas, de audiovisual, fotografia, teatro, enfim, grafite. E aí vai começar a juntar uma galera e aí nasce efetivamente o Conexões Periféricas. É um coletivo que atua no campo da educação e da comunicação popular. Na educação no sentido de uma formação crítica no campo da esquerda, do progressista, que é o que nos faltava até então, naquele espaço. E a gente vem atuando ali, a gente vem atuando desde então, do Caíque a gente foi para um espaço que é o mais empobrecido da favela que é lá no Areal, que tem um projeto social. Depois de [não identificado] no início teve uma certa abertura para uma atuação de alguns projetos sociais que até então nada podia acontecer. E a gente vai para esse espaço para propor um cineclube, e logo no momento que vai vir o projeto de Crivella de remoção, assim, que anuncia uma remoção em massa na parte Areal. E aí a gente começa o cineclube tocando o filme, fazendo articulações com a galera lá no Vila Autódromo para poder trocar essas experiências de luta contra a remoção e fazer essas articulações porque a galera estava desesperada que agora vai vir essa remoção. Ah, o crime organizado, meio que deixou os moradores se organizar, porque obviamente era do interesse deles que não houve remoção, que impactava os seus negócios, enfim, em alguma medida. E a gente faz essa atuação ali pelo Semeando Amor, que é esse projeto social, articulando outras lideranças que surgiram ali nesse contexto. Surgiram não, já existiam, mas que se juntaram novamente contra esse projeto do Crivella em 2017. Esse aqui é o espaço do Semeando Amor, que era no final do Areal, ali já dá, é vizinhança com a Barra da Tijuca. E aqui a gente começou a tocar aí alguns cineclubes para a agitação. Tocamos essa ação lá, oficinas, enfim, durante um tempo e sempre nessa perspectiva de formação política, de levar a galera pra fora do Rio das Pedras também para conhecer outros espaços, para se articular com outros coletivos. A ideia do Conexões é justamente conectar de maneira horizontal, com outros movimentos sociais, com a Universidade pública, trazendo esse diálogo para a dentro da favela de maneira mais horizontalizada. Vem a pandemia e ele trava um pouco nas nossas ações, e a gente se vê também no contexto de caraca ter que atuar num processo no Rio das Pedras de negacionismo muito grande. No Rio das Pedras existe um discurso, inclusive que é desse representantes da associação de moradores fazem que só falam de Rio das Pedras, "Rio das Pedras não chega nada porque não tem crime organizado, porque não têm varejo de drogas, que não tem violência, por isso que não chega nada em Rio das Pedras". Tudo acontece nas outras favelas, só não acontece no Rio das Pedras. São discursos que se faz lá e que muita gente compra isso, né? Só tem projeto social, só tem organizações, o governo só chega nas favelas que têm crime organizado, parece que tem que ter criminalidade aqui como se a milícia não fosse crime organizado, não fosse violeta e tudo mais. Então nesse contexto da pandemia, a gente começou articular no primeiro momento para poder discutir o negacionismo em relação às vacinas, em relação ao próprio Covid. Obviamente a galera

pobre, empobrecida, tendo que trabalhar. A gente vive, viveu a pandemia na favela tendo que trabalhar, mas a gente poderia trabalhar de maneira mais protegida, mobilizando [não identificado], álcool em gel, enfim, o que precisava ali para higienizar. Do debate em relação às fake news que estavam aparecendo em relação à pandemia, a gente foi discutir facismo, outra coisa que estava nesse contexto político mais intenso. Retomamos aí a projeção do cineclube de maneira online para continuar discutindo direitos humanos na favela. Para além do direito do humano, também outro discurso muito arraigado, que era uma favela dominada pelo crime organizado que está ligado diretamente à polícia, que direitos humanos é para defender bandido. Então a gente tem que todo tempo fazer essa disputa de narrativa entendendo que o direito humano está para além da discussão da segurança pública. Direitos humanos é direito à alimentação, é direito à memória, direito à religião, enfim. E a gente foi travando esse diálogo e articulando. O Alan participou da conversa, articulando com a Fiocruz, com universidades e professores de universidades públicas para poder dialogar com a gente. Vem a eleição e a gente também se coloca nesse movimento, do Conexões, de articular de uma maneira, não como trampolim, obviamente, mas de articulação de ser um espaço, uma possibilidade de entrada na galera no campo progressista em Rio das Pedras. Porque em Rio das Pedras se caracterizam como curral eleitoral muito difícil da galera do campo da esquerda entrar para fazer campanha, para poder fazer atuação. Eu lembro da gente fazendo campanha pro Freixo, em determinada eleição. “Óh esse cara aqui não. Não vai ter panfletagem aqui não”. E eu não podia fazer. Mas a gente foi, né, via online, articulando aí uma outra galera, começando a fazer esses debates, discutindo a participação política nas eleições e viabilizando, de alguma maneira, a entrada de candidaturas do campo progressista em Rio das Pedras. Outra atividade que a gente faz que eu acho que é importante, e aí de reflexões, de debates que a gente, interna do grupo, é do papel do sindicato enquanto um grande movimento social que hoje está tão afastado na favela. Então a gente tem um histórico de formação junto ao Núcleo Piratininga de Comunicação, o NPC, que articula muito com os sindicatos, eu participei de várias formações do NPC e começamos a fazer um diálogo pensando em uma das categorias que têm, sobretudo, moradores em Rio das Pedra, nas favelas. Tem a galera trabalhadoras domésticas, garçom, galera da construção civil, enfim, várias áreas que residem na favela e tem pouco diálogo com a favela. Hoje o sindicato, as sedes dos sindicatos são fora da favela. Os sindicatos pouco atuam nas favelas e a gente não consegue fortalecer essa base, independente das mudanças do mundo do trabalho acho que é fundamental ter esse diálogo para retomar a atuação do sindicato dentro das favelas. E é um movimento social estruturante, ao meu ver, das lutas coletivas. E, pensando aí agora nessa garantia dessa memória viva, a gente organizou. É esse papo, você chega nos lugares, sobretudo fora da favela, a galera “pô, caraca vocês estão fazendo uma parada lá maneira e tal tocando com

universidade, com esses espaços. E aí eu “pô, a gente tem que comer muito angu ainda para chegar o que a galera fez lá atrás, para abrir caminhos para que a gente possa hoje atuar”. Então, a gente começou a fazer essas séries de conversas, nossas raízes colhendo memórias para dialogar com lideranças de Rio das Pedras, mas não somente, né? Deley de Acari, Ana Leônia da Baixada, Seu Bezerra do Manguinhos, Dona Jane da Vila Autódromo, enfim, lideranças que estão aí maior tempão abrindo caminho na luta para que a gente consiga um espaço tão restrito, tão cerceado como o Rio das Pedras, como a Baixada, como Caxias, algumas áreas dominadas pela milícia para poder circular, poder articular e essa galera que abre esse caminho. Então, é uma forma de registrar essas memórias de luta também, a partir desses diálogos. A gente tem feito em toda eleição, esse debate, eleição e participação política das favelas, seja falando sobre o processo eleitoral ou mesmo as questões das urnas, como funciona o sistema, dialogando com esses políticos e tal, mas também com candidaturas aí no campo progressista para poder abrir esse espaço. E a última eleição superpolarizada que nós tivemos e que ainda está em disputa sobretudo no território de Rio das Pedras, uma coisa que foi um ganho muito efetivo pra gente foi poder tocar essa disputa lá na Campanha Nacional, na Executiva Nacional, em uma favela que é dominada pelo crime organizado, pela milícia e que apoiou abertamente o Bolsonaro, a gente teve uma dificuldade de fazer essas articulações. O receio de muita gente participar de algumas ações que a gente tocou. Mas que a gente foi pro enfrentamento, já tava naquele tudo ou nada. [não identificado]. Rio das Pedras foi a única favela da Zona Oeste que o Lula ganhou, né. Uma favela que é majoritariamente nordestina, mais de 60% são nordestinos, óbvio que isso tem um peso muito grande, o Lula tem essa abrangência, esse acúmulo no nordeste. E eu trabalhando, fui presidente da seção, e quando chegava lá uma senhorinha “só vim votar porque é o Lula” e tal, mas para além disso, teve uma atuação política, não só do Conexões Periféricas. Tem outros coletivos hoje atuando no Rio das Pedras. A gente está numa construção da Agenda Rio das Pedras, tem um grupo da coordenação da agenda e o Conexões se insere nesse grupo. Tem o Semeando Amor, tem o CineRock, enfim, tem outros movimentos sociais que estão atuando e que o Conexões vem tentando também juntar, articular para se fortalecer junto e ter uma segurança, inclusive, de atuação. Então, no dia anterior, teve uma carreata pró-Bolsonaro, gigante, moto, o caramba e tal. E aí eu “pô, vamos puxar, f\*, desculpe o termo, vamos puxar uma caminhada pró-Lula”. E aí estava lá em frente a [não identificado] e não aparece ninguém, a galera com medo de se juntar. Aí foi esse grupo pequeno, umas 10 cabeças, depois chegou um pouco mais de gente, 15 cabeças, 20 cabeças e fomos até a estação Azul, a Engenheiro ali, uma das principais em Rio das Pedras. Mas o legal foi que a galera que ficou com medo de participar, provavelmente, da caminhada, foi chegando para pegar adesivo, para pegar material e sair. Pegava o material e saía. Só passava de um a um, “e

aí, me daí”. Então, assim, a gente conseguiu fazer essa articulação e foi um momento assim importante, marcante dessa disputa territorial em Rio das Pedras. E aí, fechando, né, acho que sintetizando um pouco o papel que o Conexões busca fazer hoje. É ter essa articulação mais ampla possível, com outros movimentos sociais. A gente está sempre lá no Raízes dialogando, em outros espaços, na Rocinha, na Providência, aprendendo, aprendendo muito mais às vezes. Entendo que a academia é um espaço fundamental de sistematização de conhecimento, passei para a academia, estou na academia, estou estudando, mas acho que é fundamental esse diálogo com os movimentos sociais, que um lugar que a gente aprende muito, que tem hoje uma sistematização de conhecimento e uma metodologia própria, inclusive de ensino, né? Eu levo isso como um professor da educação básica, a história da favela e tal, então vou nesses espaços para poder aprender mais do pela academia, para poder levar para outros lugares. Para além disso, o Conexões nessa articulação com outros movimentos sociais, acho que é fundamental também a gente conseguir ampliar as pautas micro ali, que são urgentes da galera, que está ali na base, com pautas mais amplas. Esse movimento é um movimento que eu acho que é crucial e que os movimentos sociais locais têm a grande possibilidade de fazer, de linkar pautas concretas e urgentes com pautas mais amplas. Desde discutir, discutir ali taxaço das grandes fortunas e a galera, às vezes, você vai falar isso diretamente e não vai fazer muito sentido, é mais uma coisa urgente. Mas entendendo aí essa articulação, e trazendo conteúdos do campo da esquerda pra favela, numa linguagem acessível, numa linguagem da galera interna. Então, por isso que a gente está articulando e fazendo em Rio das Pedras, junto com outros movimentos sociais que vão para além do Conexões Periféricas. É isso.

**Alan Brum:** Obrigado, Douglas. Acho que você, vocês lá do Rio das Pedras tem um desafio, uma camada mais de desafio, no sentido de possibilitar atuar. Todos nós temos limitações de diversas ordens, às vezes também chega aqui e fala que trabalha tranquilamente, nunca tranquilamente cem por cento. Sempre tem as disputas, as vaidades, e isso é um dificultador, mas Rio das Pedras a gente já conhece um pouco a história e sabe o quanto é difícil atuar naquele território. E é quase que, você falou um ponto que eu acho que é fundamental trazer, a mudança no processo de representatividade das favelas sobre a questão das associações de moradores. A gente tem aí uma história das associações de moradores que ela vai se dar uma mudança drástica conforme vai passando o tempo. Se você pegar associações de moradores e favelas, qualquer favela do Rio, até a década de 70, 80, ela tem uma característica de representatividade real. As decisões, não todas, mas em muitas delas, eram decididas em fóruns coletivos. Era aberto. Quando tinha um problema na favela, “vamos fazer uma auto urbanização, vamos calçar essa rua”. Era

decidido. “Qual rua? Essa ou aquela? Era decidido a luz, “mas vamos distribuir para cá ou para lá?”. Era decidido coletivamente. E isso até a década de 80 funcionou bastante, nas comissões, dentro das associações dos moradores. Mas a gente teve uma mudança significativa na década de 90. Seja uma mudança na cidade, então, do Estado, do Rio de Janeiro, com a vinda de Leonel Brizola, e também com uma lógica neoliberal. Aí nós estamos falando de, estamos falando do que o mundo rebate nas favelas também, né? A criação de outros atores sociais está tendo correlação direta com o neoliberalismo de Thatcher e de Hegel na década de 1980, que vai rebater na Europa na década do começo da década de 1990 e aqui logo depois. Tem um processo de redemocratização. Então tudo isso traz um ambiente que explode novos atores das favelas do Rio de Janeiro, da favela do mundo. Então esses novos atores a gente ainda está nessa luta para que as favelas sejam respeitadas nas arenas coletivas da diversidade de atores locais, que não é mais a lógica e o momento histórico da década de 1970 para trás. Aquele momento histórico, a centralidade dos movimentos sociais e a centralidade da figura do trabalhador. Hoje nós temos todos os movimentos identitários, todos os movimentos de diversos tipos de luta, que por um lado avançou em cada uma dessas lutas, mas por outro lado também fragmentou. Então, tem que entender um pouco o histórico dos movimentos sociais, entender o pouco qual é o impacto do neoliberalismo e do [não identificado] mundial na década de 1990, como isso provoca uma mudança do papel da associação de moradores e a diversidade que cresce nisso. Então, entender também que a gente é fruto de um momento histórico, eu acho que nos proporciona a gente avançar criticamente sobre nós mesmos e sobre os nossos pares e que a gente possa construir muito mais. Bom, queria agradecer demais e quero agora abrir para o público para fazer as intervenções necessárias, então está aberta a inscrição. Calma devagar, calma, calma. Diga, fala nome, universidade, algo assim, rapidinho, para a gente poder. Universidade ou local, né? Tem que alguém passar esse microfone. Vai vir aqui pra frente?

**Giovanna:** Eu sou Giovanna, sou do IESP, sou orientanda da Palloma. Primeiro, queria agradecer a vocês pelas falas hoje. E a minha pergunta é uma pergunta meio geral assim, acho que todos vocês podem responder um pouco. Mas é porque quando a gente fala sobre a implementação de políticas públicas em favelas em geral, tem um movimento muito forte de movimentos moradores, principalmente na década de 80, da implementação de saneamento básico, água, esgoto, luz, etc. Só que quando a gente faz pesquisa em jornal, e eu vi que vocês dois fazem pesquisa em jornal, a gente vai pesquisar essas coisas, é sempre a partir dos projetos. Então, eu faço pesquisas na Maré, aí quando vai pesquisar sobre água na Maré, é o projeto Rio, que vai levar água na Maré. Só que aí vai em outras organizações da Maré, que vão falar que as Associações Moradores já faziam uma luta há

muitos anos para poder levar água para a Maré. E também perguntamos como a gente produz essa memória, hoje, a gente produz essa memória dessas políticas públicas a partir dos moradores sem apagar as lutas dos moradores. Como nós pesquisadores fazemos isso em em conjunção com os movimentos e com as organizações de favelas? Obrigada.

**Alan Brum:** Vou fazer uma rodada, tá?

**Palloma Menezes:** Gente, eu queria começar agradecendo muito pela aula maravilhosa de vocês, sempre um aprendizado enorme, poder ouvir vocês. E o meu eu não sei se é uma ou um comentário, mas pra gente pensar junto. Eu acho que a produção de memória e conhecimento em favela não é exatamente algo novo. Vocês estavam falando de como isso historicamente vem sendo produzido em muitos territórios, de maneiras muito diversas. Mas me parece, eu tenho um pouco a impressão, sim em um dado momento histórico, as associações de moradores foram muito importantes. Depois a gente teve a luta da comunicação comunitária, dos museus, mas agora me parece que a produção de conhecimento, produção de dados, ganha um protagonismo na organização das favelas. E aí, me parece que nos anos 2000 é especialmente um momento de inflexão. Eu acho que a política de cotas, a entrada de muitos moradores de favela na universidade, também é uma inflexão. E agora a pandemia parece que foi um catalisador para intensificar um movimento que já vinha ocorrendo. Então, queria ouvir um pouco de vocês, como vocês fazem essa análise de uma produção por um lado não começa agora, que é histórica, mas tem alguma mudança, alguma coisa nova, está acontecendo nos últimos anos? O que de novo está acontecendo? É a metodologia usada? É a forma de organização? É o alcance? Para a gente tentar entender um pouco esse processo histórico, mas se alguma transformação mais significativa tem ocorrido agora, já que é um tema que acho que está sendo cada vez mais debatido e tem ganhado muita centralidade em muitos movimentos de favela.

**Alan Brum:** Mais um, uma. Não? Então pode ir, vamos para a primeira rodada. Quem gostaria de falar primeiro, vai você?

**Hugo Oliveira:** Pode ser.

**Alan Brum:** Pode ser, então vai.

**Hugo Oliveira:** Bom, primeiro eu acho que, no meu caso, a Providência tem um grande privilégio de ficar ali no seio do desenvolvimento da cidade. Então, como eu pude mostrar de forma muito breve, a gente tem alguns desses registros. No caso da Providência, não se tinha talvez uma pesquisa tão aprofundada para chegar ao ponto de interesse. O artigo do

professor Leonardo da PUC, ele vai trazer inclusive dados da Providência onde os próprios moradores tinham uma articulação e uma relação boa com a prefeitura. A pavimentação do morro da Providência foi uma solicitação. Aquilo ali foi discutido porque aquilo era um morro. Um morro com aquelas pedras de paralelepípedos que não chegaram ali andando, né. Então, foi através dessas discussões, houve uma [não identificado] na época e aquilo foi implementado. Então, é isso. Mas como é que a gente pode pensar esses mecanismos também discutindo sem apagar a história dos movimentos sociais? Eu acho que um excelente exercício é a gente tentar encontrar quem são essas pessoas que estavam nesses lugares porque, diferente da nossa geração que está super aí nas redes sociais. Eu lido, por exemplo, com a minha mentora direta é a minha tia. Durante muito tempo, achava um saco, chato pra caramba, porque queria que eu estudasse, enfim, e eu não queria ir e tal. E eu fico falando pra ela, "Pô, as pessoas precisam te conhecer, porque a senhora é incrível". Ela é uma excelente alfabetizadora, deu aula no EJA, enfim, fez um monte de coisa. Mas aquela mulher não consegue postar uma foto no Instagram. Mas, assim, a gente junto, a gente planeja um PP, a gente faz orçamento, a gente faz relatório, sabe? Ela tem uma relação comunitária que ela me dá banho, sabe? Então, assim, é ir atrás, de fato, dessas pessoas e tentar resgatar essas memórias, assim. Essas memórias estão aí, essas memórias estão começando a aparecer, inclusive, sabe? Fotográficas, inclusive, assim. Então, é isso, é ter tempo para conseguir tentar encontrar quem são essas pessoas. A Palloma, eu acho que a questão hoje é a metodologia ao meu ver, sabe? Tem uma relação muito forte, a sua cabeça pensa onde seu pé pisa. Então hoje a gente está podendo se ver, e aí quando a gente se ver, a gente tem uma outra relação, de maior confiança, inclusive de encantamento, de se olhar e de se abrir um pouco mais. Não tenho dúvidas que se uma equipe super qualificada fosse paga durante o período da pandemia para subir a providência, para poder fazer o que a gente fez, não ia dar certo. Porque o que fez a diferença foi o fato de ser o Hugo, neto da Dona Maria e filho do Sué estivador, que fez, sabe, acontecer ali. Eu também acho assim, não tinha esse olhar panorâmico para trás desses pontos tão organizados como você tem, sobre as inflexões. Mas eu acho que de fato levantamento de dados nesse momento é um ponto alto para a gente, inclusive como estratégia. As coisas que a gente tem aqui, o plano de ação é o próximo passo da Providência depois do Censo que a gente formou, é discutir como é que a gente faz isso, porque contra fatos não tem argumentos, dados falam muito sobre. Além de uma qualificação no debate, porque historicamente colocam a gente como violento, que não sabe falar, como não sei o que. Agora quando a gente chega com esses outros argumentos, inclusive por vezes, tendo um tom de fala um pouco mais baixo do que os políticos e pessoas que esperavam que a gente pudesse estar ali, sendo agressivo, eles não sabem como fazer, porque eles já estão armados para esperar a gente chegar de assalto, a gente

não está, a gente não vai discutir. A gente quer apresentar o nosso plano, ele está aqui, a gente queria ver com você qual é a sua agenda do dia para a gente poder discutir. Mas o que vocês querem falar? Dá uma lida, a gente manda um e-mail, porque você e sua assessoria não responderam. E aí, a coisa bate em outro lugar, porque se ele não respondeu, a gente apresenta isso na rede social, a gente mandou três e-mails, a gente falou com a assessoria de imprensa, e agora a gente está vendo na rua porque você não responde. Então, existem outros mecanismos sociais, inclusive, que não dá mais para eles sustentarem as falas falaciosas de que nós somos esse grupo violento, que arrastam, no caso do funk ali, que tinha os arrastões, que está querendo fazer não sei o que. Não, violento são vocês que historicamente, nunca quiseram dialogar. E cada vez mais fica nítido, assim, que a gente está fazendo coisa, mas não numa lógica de, como eu aprendi com o Alan também, não numa lógica de projetos, como vocês querem fazer, onde essas coisas são pensadas, mas de processos, onde as coisas precisam ser continuadas, assim. Vocês vão acabar o projeto de vocês e vão embora, a gente fica, amor. E quando a gente fica, a gente precisa se relacionar com quem ama a gente e com quem detesta, e com quem nem quer ver a gente vivo. Então, pisa manso, sabe? Para atijar o formigueiro. Porque a gente sabe como as coisas estão acontecendo agora. E é isso, a gente talvez não vai mobilizar um monte de mentes ali que está sendo puxada. Mas esse grupinho de pessoas que está ali com o panfletinho, que está ali com uma camisa, então, que viu a gente na televisão, não sei o que, sabe quando a coisa aperta onde buscar. Então, acho que a gente está vivendo, de fato, esse momento. Estou muito animado, de forma muito. Acreditando no que há de vir é muito promissor para a gente. Uma vez a Pâmela Carvalho escreveu um artigo, inclusive eu sou um de personagens, que ela fala "o favelado não quer mais sair, a gente quer ficar". Eu comprei minha casa com o apoio do 'Minha casa, minha vida' e minha casa é linda. Estou acabando de mobiliar, minha filha acabou de nascer e ela vai ser mais uma favelada que tem certeza que ela vai entender que o pai dela queria que ela ficasse ali e a casa está maravilhosa, para você morar aqui, minha filha. Tem o próprio quartinho dela. Eu tive que dividir meu quarto com o meu irmão.

**Leandro Castro:** Bem, como é teu nome, primeiro?

**Giovanna:** Giovanna.

**Leandro Castro:** Respondendo a Giovanna, eu penso, Giovanna, que na verdade, isso que você traz, eu acredito que é muito interessante, inclusive, para pensar, dentro do próprio processo de pesquisa, porque que um lado fala uma coisa e o outro lado fala outra. Eu acho que isso é muito próprio da dinâmica mesmo, da própria memória coletiva, de como se dá

assim, que também a gente não precisa se preocupar tanto com essa verdade totalmente absoluta. Eu acho que trazer um pouco dessa dinâmica, inclusive, obviamente, dentro de uma perspectiva crítica para o trabalho, para a produção de conhecimento, é bem interessante, que você vai começar a enxergar essa dimensão. Vou dar um exemplo aqui que eu estou pensando. Por que a CEDAE fala uma coisa, por que aquele grupo de moradores está dizendo que não foi desse jeito, que a dinâmica é outra. E aí vem outro grupo de uma outra localidade e diz que não foi bem assim. Então acho que isso não enriquece o trabalho, mas concordo de que, de fato, é necessário fazer esse levantamento também de pessoas, de figuras, desse espaço que estão sendo estudados, entender um pouco dessa, de fato, da relação ativa, dessas pessoas com o cotidiano, que eu acho que isso realmente é muito importante, porque dentro da favela, como foi falado aqui, a gente também tem memórias de vários conflitos internos, de relações. Essa época, então, do contexto da década de 70, lá na Rocinha tinham figuras assim que vinham de fora e que construíram polêmicas, sabe? A gente tem uma figura chamada de Eleonora, nos documentos que eu consultei lá no Arquivo. Quando eu fui tratar dessa figura com os moradores, a galera falava assim “essa mulher era o capeta em pessoa. Ela entregou o nosso nome, uma lista de nomes para o pessoal do DOPS”. A galera foi, tipo, foi para o DOPS, teve que se explicar. A gente só não ficou lá porque tinha um padre e, tipo, não queria arrumar problema, confusão com a arquidiocese da época, enfim, aí mandava a gente de volta, mas ficou aquela memória traumática de ter ido pro DOPS, favelado de ir pro DOPS pra poder ir lá e ver quartinho escuro, sabe? Então, assim, eu acho que é importante ter um pouco dessa pegada de, né, antes de consultar essas pessoas, entender bem, de fato, a participação dela, né, nesse cotidiano nos espaços, porque a gente tem muitas pessoas que falam muito, mas que, infelizmente, é uma narrativa que parece que elas criam da mente delas e quem vem de fora às vezes não vai ter essa leitura mais crítica, então acho que é importante tentar isso. A segunda pergunta, Palloma, né? Gente, eu estudo memória, mas a minha mesmo. A minha só o cachimbo, entendeu? Para eu acessar as minhas memórias porque aí é rapidinho volta. Mas respondendo à Palloma, olha, eu percebo que realmente lá atrás nós temos vários exemplos já de, inclusive de produção de conhecimento local saindo desse terreno, que ainda é recente se a gente parar para pensar, que é a do acesso à universidade. Na Rocinha a gente tem a própria produção do Censo de moradores, se não me engano na década de 80, que foi um Censo ali organizado pelos próprios moradores. O que acontece muitas vezes é que essa dinâmica também de construir conhecimento dentro da favela, muitas vezes a academia vai invalidar ou ela vai contestar. Sempre colocam a gente no lugar de contestação. Mas como é que foi com a metodologia que vocês utilizaram? Mas como é o conceito que vocês estão trabalhando? Então, sabe, é um pouco do que fazem ainda hoje com a própria relação com a memória,

entre história e memória. Parece que tem um tensionamento aí, que é uma polêmica entre memória, o que é memória, o que é história. Mas a favela é de fato, como você falou, essa organização não é de agora. Esse trabalho com a memória é muito antigo. E acho que o que a gente busca agora é fazer, de fato, esse movimento do que a gente pode inclusive estar utilizando de tecnologias sociais, que foram produzidas no passado e que agora a gente pode utilizar, mas também, obviamente, adaptando as próprias dinâmicas locais, contexto, porque a gente vive em outro contexto. Então, assim, por exemplo, eu enquanto pesquisador também da primeira infância, na época da pandemia, a gente foi fazer uma campanha em prol da vacinação de crianças de 5 a 11 anos na Rocinha. E aí vai eu louco para o centro de pesquisa dizer “então a gente vai fazer essa campanha no beco e na viela”. Eu lembro que na década de 80, 90, as campanhas de vacinação, a Maria Helena pegava o megafone e ela ia junto de outros moradores para o beco, lá para o alto da Rua 1, sabe? Para poder comunicar, levar informação, porque senão a galera não ia vacinar. Eu falei, a gente vai fazer isso. Me dá um megafone, arrumei um megafone, foi eu, o Firmino, juntamos uma galera, agente de saúde, peguei uma galera do Centro de Pesquisa também, vamos embora, vamos para o beco, para a viela falar que vacinação é essa, porque que é importante, porque que tem que vacinar criança de 5 e 11 anos e o que é fake news e porque que isso está sendo produzido, qual é o objetivo. E a gente permeou ali pelos becos e pelas vielas, então acho que a gente utiliza muito dessas memórias antigas, inclusive para reafirmar esse lugar da memória, da incidência política, daquilo que ela pode construir e materializar. Eu vejo que hoje têm, muito bacana, de fato, é como o colega falou, a gente se perceber nesses espaços porque é muito difícil, quando você olha pra dentro de um espaço, por exemplo, eu no meu lugar, de homem indígena, não percebeu outros pares, sabe? É muito complicado você às vezes, você está no lugar, mas você não sente que você, de fato, é pertencente a ele. Eu tinha muito esse processo durante a minha graduação em mestrado, eu estava na PUC, estava ali, mas eu tipo, cara, sabe? Então trazer essa dimensão da identidade, de você poder se olhar, de você poder se fortalecer nessa perspectiva do Quilombo-Aldeia, da Aldeia-Quilombo, a gente se vê nos espaços, isso fortalece muito a nossa luta. Então, eu acho também que é uma questão ainda, que eu falo que a gente precisa avançar, dentro dessa questão da perspectiva das memórias, porque, por exemplo, na Rocinha, só para concluir, tem-se um pensamento de que a Rocinha é quase que toda nordestina, e o Firmino fala muito sobre isso. Ninguém fala da galera preta, que começou ocupando a favela pelo alto, que hoje é os grandes bolsões de pobreza, que dentro dessa dinâmica das remoções são as primeiras a serem removidas, e dentro da política que é pensada de intervenção urbanística também são as primeiras a terem ali como alvo desses processos de remoção, sem discutir um reassentamento que de fato seja humanizado. Então acho que a gente tem que estar muito atento a isso hoje e acredito que

a gente está se organizando muito nesse sentido, desse fortalecimento de cada vez mais, está pensando em metodologias. Eu acho que isso realmente é um grande diferencial.

**Douglas Heliodoro:** Vou comentar a pergunta da Palloma, que eu me sinto até contemplado pelas falas, mas quais aspectos que eu acho que impactam nisso. A gente tem a questão do ingresso na universidade, que você colocou agora, a galera da favela, das periferias, tem acessado cada vez mais a universidade, e para além disso, porque um tempo atrás também estava acessando, mas daquele movimento de entrar na universidade, ascender socioeconomicamente e sair fora da favela. A gente tem um movimento que também é importante que é de construção de uma identidade territorial e racial. Então a galera passa a não negar mais a favela, a não negar mais seu lugar de origem e voltar, pagar a dívida, né, partir, voltar e repartir. A galera volta para poder produzir sobre seu espaço, para poder fortalecer e potencializar seu espaço. Isso sem romantizar a favela. Pode até sair por um lugar com uma infra melhor, mas ter essa relação de afeto, afetivo e tal que acho que mantêm essa produção. Outra coisa é sair do lugar de objeto, que foi durante muito tempo, para o lugar sujeito. Então você sai do lugar de objeto de pesquisa o tempo todo e está pesquisando. E aí, para além da lógica que também às vezes a academia usa, de pegar a galera, dar um treinamento, botar para aplicar questionário. Você é pesquisador também. Aplicar questionário, mas sem entender a metodologia, sem participar da construção da metodologia, coisa que hoje tem essa disputa aí, os movimentos sociais têm disputado isso. Eu vi que a gente vivenciou e Rio das Pedras, foi que durante esse período da Covid, mais intenso da pandemia, a gente teve que sair no processo de levantamento de dados. Porque o Rio das Pedras, a partir desse estigma, que é do lugar e o não-lugar, ninguém chega, não se fala sobre Rio das Pedras, além das enchentes e das milícias, e aí falando de dados mortos em várias favelas e tal, ninguém falava de Rio das Pedras. Então, uma liderança estava reivindicando isso "não fala de Rio das Pedras, morreu tanto e tal". Aí nessa a gente começou a compor esse painel Covid nas favelas, enquanto coletivo e articulamos outros coletivos locais para poder levantar dados. Galera que estava distribuindo cesta básica, quentinha e tal e a gente foi pegando informações e alimentando esse painel, que foi um painel muito importante para a produção de dados articulados, dentro da Rede de Favelas Sustentável, e a gente conseguiu fazer esse levantamento. E aí a academia também erra, né. Teve uma pesquisa baseada na metodologia do CEP que apontou a rua Amparo, Rio das Pedras, como um epicentro da pandemia na favela. E aí, meu irmão, a galera que estava respondendo, estava participando, os patrões, porque a galera estava continuando trabalhando, né. Os patrões "ah, você mora na rua Amparo?". Trabalhadora doméstica, galera sem carteira assinada, sem carteira assinada para poder ficar em casa protegido e com remuneração, começou a ficar sem emprego, aumentando

ainda mais os desemprego que já estavam alto. E a galera começou a negar, olha o efeito contrário, a gente teve um papel de conscientizar que os dados são importantes e tal para levantar, aí depois a partir dessa metodologia foi divulgado isso num dia. “Rua Amparo é o epicentro da pandemia na favela do Rio das Pedras”. Os condomínios em volta começaram a não querer chamar esses trabalhadores. A galera parou de responder. Então assim, são os desafios que são colocados parece que, entender também que a academia produz de uma forma, um dado sem essa metodologia local que pode qualificar, pode pensar outras estratégias que às vezes não acontecem.

**Alan Brum:** Obrigado. Também queria fazer um comentário rápido sobre isso. Primeiro, esqueci o nome. Giovanna. A Giovanna traz essa questão de ter outras fontes, né? Eu acho que vale a pena também refletir um pouco que, desde o começo da história do mundo, os povos oprimidos sempre foram oprimidos inclusive do registro da sua própria história, né? Qualquer lugar no mundo. Eu acho que não é diferente com as favelas. A história é contada pelos opressores, mas eu acho que em determinado momento, a gente começa a criar alternativas. Eu acho que não é novo, a meu ver, Palloma, não é novo, a importância para a favela sobre a produção de dados. Talvez agora esteja criando escala, mais volume, desse debate. E aí, a dinâmica ela sempre é viva, ela vai acontecendo de forma, esse dinamismo se dá por diversas camadas que vão se sobrepondo. De resistência, de insistência, de incidência. Eu acho que talvez estejamos no momento que é esse conjunto, seja pelas políticas públicas de inserção na universidade, mais faveladas e faveladas nas universidades, seja por uma questão de estratégia local, que aí é no nosso caso do Raízes, ela é essa. No sentido de que durante muito tempo a gente tentou incidir em políticas públicas, e aquela fala preconceituosa do poder público de colocar a favela como ser menor, que sempre vai vir com o pires na mão, e o que fala é um achismo, e não é possível fazer tecnicamente. Esse discurso é velho, é velho, mas ele também é provocador de a gente poder reagir, então a gente precisou, e ainda precisa, além da cultura de sobreviver a falta histórica das políticas públicas, é construir a alternativa de colocar na história, registrar a nossa própria história, isso ser propagado, É a gente partir a dominar as outras linguagens, que são dominantes, a linguagem acadêmica, a linguagem técnica burocrática do poder público. Então, além da sobrevivência, a gente tem que dar os outros passos para a gente poder conseguir fazer essa incidência sem ser questionado. Porque está aqui, né? É pesquisa, é história e memória, é construção de plano e é incidência política. E não para, é um processo. Então acho que são etapas, né? E que a gente ainda está em construção para que tenha outras fontes, além da fonte pública, oficial das histórias e das memórias de lutas locais. Lá na Alemão, está fazendo desde 2013, tem 10 anos, que a gente faz o "Vamos Desenrolar", que é na Praça Pública uma roda, uma ágora contemporânea, com

fone, microfone, alto falante. E também é um espaço de diálogo de conhecimento, que eu acho é fundamental nesse processo. A gente critica e tensiona a universidade, mas a universidade tem um papel fundamental. Então, é um pesquisador, como dinamizador, e uma pessoa da favela que tem uma vivência, tem uma história de luta daquela temática. Então, eu vou chamar a dona Marisa ou a Lúcia, do [não identificado], que tem o histórico de luta da saúde com a Natália, que faz uma pesquisa de saúde no Alemão. São dinamizadores. Ao mesmo tempo a pesquisa aparece, as reflexões acadêmicas aparecem, mas também aparece a vivência da Marisa na luta que teve ali. E a gente registra aquilo, filma, transforma em documentário, transforma em livro. Nós do Complexo do Alemão estamos produzindo um documentário agora, já produzimos vários, mas vamos produzir agora sobre história e identidade do Alemão, um documentário e o livro de história e memória do Alemão, que é a consequência do curso. Então a gente ainda está escrevendo, a gente ainda está fazendo esses registros que historicamente tem esse processo de apagamento. Então, acho que é isso que a gente está vivendo no momento propício, tanto no momento político nacional nesse momento, quanto o amadurecimento das forças, dos quadros favelados e faveladas, a entrada na universidade, a apropriação das outras linguagens. Eu acho que é um combo de congruência de coisas que está permitindo colocar a questão da produção de dados na centralidade de desenvolvimento de favela. Eu fico muito feliz porque a gente tem apostado lá no Raízes em Movimento desde o nosso início. Prioritariamente, na realidade, eu acho que desde a chegada do PAC em 2008 foi um ponto ali central que exacerbou essa nossa perspectiva de memória, história e produção de dados. Acho que ali foi um ponto em que a gente levou tanta porrada no PAC, que acho que a gente já fazia, mas não era, não tinha essa força. Depois de 2008 a gente veio trabalhando nesse sentido. Então, eu acho que a gente está no caminho para que a gente possa avançar, falando sobre nossa própria história, falando sobre nosso próprio cotidiano, colocando na centralidade que pensar o desenvolvimento de favela não dá para pensar sem a favela. Temos quadros, temos que ocupar os novos quadros, os novos espaços. Eu acho que tem uma discussão também histórica de mediação, de organizações que faziam mediação para as ações da favela, então as organizações que durante o tempo histórico foi importantíssimo. E eu não tenho problema de falar dos meus próprios parceiros, eu estou falando do Iser, eu estou falando Ibase, eu estou falando com essa galera, que são parceiros nossos, mas essa galera também tem que fazer uma releitura crítica, porque agora tem quadros da favelas. Então não é o Iser mais que vai ocupar lá o espaço da Defensoria Pública, da Ouvidoria Pública do Rio de Janeiro. É uma favelada, um favelado que deve ocupar esse espaço. Então, é um outro momento que a gente está vivendo. Então, até os nossos parceiros têm que fazer uma releitura, porque a favela precisa avançar. E agradecer, durante a década de 80 e 90, Ibase, Iser foi bom para caramba, mas

agora o papel é outro. Agora o papel é da gente sentar e produzir um projeto junto. O Ibase fez com a gente. Fez lá o Juventudes em movimento que depois vai se desenrolar no plano. Beleza, aquilo a gente não fez mais como executar um plano que foi pensado antes. Lá, pela organização maior, como isso estava. Não, a gente foi pensando isso em 2014, 2015, 2016 e só saiu em 2017 a proposta para ser executada a partir de 2018, mas fizemos cada linha ali junto, sabe? Uma proposta de uma pesquisa que a gente se via. E o conhecimento e o acúmulo do Ibase é fundamental, mas não numa relação de subordinação, mas uma relação igualitária. Então, acho que são essas questões que a gente está avançando, estamos nos impondo cada vez mais nesse espaço, seja no poder público, em incidência de políticas públicas, seja na universidade, para discutir metodologia, a discussão desses processos históricos também da produção acadêmica, como é tratado a favela, então a gente tem avançado e construído nossa própria história.

**Leandro Castro:** [não identificado] muito eurocêntrico.

**Alan Brum:** É, essa discussão sim. Eu acho que a discussão de trazer na academia debater quais são as nossas referências teóricas, metodológicas de referência. É só europeia e é só norte-americana? Qual é a discussão e os outros autores teóricos que estão aí no Sul-Sul? Seja na África, seja na Ásia, seja na América do Sul, tem tantos autores também teóricos nesses espaços que são pouco apropriados e aí fica numa referência muito específica. E não é que não tenha, não é importante, relevante, mas a exclusividade que a nossa universidade foi se compondo historicamente para a gente é um problema, porque a gente está falando de diversidade, está falando do lugar da negação, das favelas, é o lugar de ser tratado como história e isso tem um nome, isso tem um nome, isso tem um nome que se chama Injustiça Citacional. A gente precisa avançar tanto na dimensão macro que é trabalhar com outros autores, referências teóricas do Sul-Sul, no sentido de uma dimensão mais global, mas como também numa dimensão local, em que as mesmas pesquisas na favela são sub-representativa do próprio tema trabalhado. Então, pensa que a gente não está ligado, que vai trabalhar lá, vai pesquisar e falar sobre determinado tema, sobre a mulher preta, favelada e aí quando você vai ver você tem uma subrepresentação na sua amostra, isso também é injustiça citacional. Você cita um tamanho que é muito menor. Então, pensar e refletir sobre essas questões na academia também é fundamental para que a gente possa crescer. Bom, queria só saber se mais alguém vai querer fazer a última rodada de pergunta, se não tiver. Ah, fale, vem pra cá. Aqui é igual show, vem pra cá.

**Thaís:** Espera, onde? Tá, foi? Boa noite, gente. Queria agradecer muito pelas falas, pela mesa, foi muito importante. Eu queria saber mais um pouquinho, se você pudesse falar um pouco da Agenda do Alemão e como faz esse processo de multiplicação dessa metodologia para as outras favelas. Obrigada.

**Alan Brum:** Eu vou deixar eles falarem, eles foram lá no Alemão e conheceram como é e estão querendo trabalhar isso. Você quer falar ou quer passar?

**Hugo Oliveira:** Não, quero ver se tem mais alguém para aproveitar, mas não.

**Alan Brum:** Ah, mais alguém quer fazer pergunta? Não? Vou falar do Alemão, mas eles vão falar do Alemão, não eu. Eu falo fechando depois. Quem quer falar primeiro?

**Leandro Castro:** Ah, comentar que, na verdade, esse processo de pensar o plano de ação popular do Complexo do Alemão é, de fato, uma referência pra gente da Rocinha. O Alan fez já uma contextualização histórica das favelas e uma coisa que eu sempre falo é que na década de 70 e 80, as favelas, realmente elas tinham uma cultura de ter um diálogo entre as favelas. Ou seja, você tinha uma representatividade tamanha das favelas, né. Você tinha a FAFEG, depois a FAFERJ, federações de associações moradores, que falavam e que pensavam toda essa dimensão política desses espaços na cidade. E aí, obviamente, com toda essa questão neoliberal, que produz também divisões, conflitos, cooptação política, que foi aqui falado, a gente precisa criar outros espaços de resistência para que a gente se sinta representado. Então, assim, quando eu percebo a metodologia, que o Alan traz para esse documento, e quando ele explica que não é simplesmente um documento que produz dados, porque tudo bem, a gente precisa importante produzir dados, mas é importante, sobretudo, a gente entender qual a finalidade, porque a gente está produzindo esse dado, porque eu faço essa pergunta para essa pessoa relacionada a saúde, porque eu faço essa pergunta para essa pessoa relacionada a uma questão étnico racial. Então acho que tudo isso no fim, voltando de novo, é esse papel de incidência que um documento como esse tem que ter. Então quando ele está pronto, na verdade, fecha de repente um ciclo, mas abre-se um outro ciclo que é um ciclo de incidência, que é isso que o Alan tem feito também, que de fato são, enfim, documentos como esse que eu acho que fazem a gente pensar nessa dinâmica e sobretudo de pensar na importância dessa relação entre as favelas. Porque também a gente está vivenciando hoje muito uma juventude emocionada, protagonista de tudo, né?

**Alan Brum:** Você está falando de influencer não, né? Não, é só para saber se era.

**Douglas Heliodoro:** Só para complementar, eu acho que apesar da especificidade de cada favela, eu participei de alguns encontros, nessa discussão para se montar o plano, e aí é um lugar que eu me senti muito à vontade, entendo essa característica própria de cara favela, mas é um lugar que a gente tem uma identidade favelada, de poder se sentar ali, e mesmo lá no Complexo do Alemão poder dar minha opinião no campo que eu atuo, que eu tenho mais domínio, dentro da educação, enfim, no campo que eu pude contribuir e pude participar. Eu acho que o Raízes e eu vou falar especificamente do Raízes, teve um papel muito interessante nessa articulação local, porque a gente sabe que existem disputas, tem rivalidade para caramba e aí poder articular, conseguir articular dentro de uma localidade tão grande como o Complexo, diversos coletivos com tamanho, potência, assim como Raízes, e colocar a galera para sentar e fazer junto. E receber pessoas de fora para sentar e fazer junto também. Então, quando o Raízes conquistam lá o Instituto Federal, não é disputa entre outras favelas, outras localidades, é que bom que vocês conquistaram e a gente pode conquistar também para outros lugares. E que bom que vocês conquistaram para a Cidade de Deus também. Então, é um movimento muito potente que mostra que essa articulação fortalece esse plano mais amplo e pensar em um projeto de programas de política pública. A ideia é ampliar o máximo possível.

**Hugo Oliveira:** Acho que tem um desafio técnico, né, que é organizar, estruturar, porque quando a gente pensa em favela, a gente tem também nesse imaginário, às vezes, até o tanto quanto abstrato, mas de fato, teve alguém ali que se empenhou em fazer essa organização, botar isso de forma sistematizada, organizada para que isso pudesse acontecer. Então, eu, geralmente, sou essa pessoa, apesar de ser artista, geralmente no palco, na frente, eu ainda, na instituição, sou a pessoa que também mobilizo ali as cabeças para poder pensar as planilhas, os relatórios e a gente sabe o quanto que isso é difícil, sim, burocraticamente falando pesado, é complicado. Então, enfim, acho que o Alan pode explicar um pouco melhor sobre metodologia. Eu vou falar o quanto que isso impactou para mim. Poder pensar o meu futuro é uma coisa que eu acho que também é bastante nova. Algumas gerações não tinham essa possibilidade. Tô falando da parte da minha família. Minha mãe e meu pai tinham que trabalhar, tinham que estar ali, se dedicando. É um trabalho que nem sempre era aquilo que ele escolheu fazer, então era aquilo que dava as condições de eles poderem trazer o subsídio para a gente poder existir. Então, quando a gente não pode pensar o futuro, a gente não tem sonhos. Como vocês viram ali na Galeria Providência, a gente fez um corrimão específico falando sobre sonhos, porque era, inclusive, essa tentativa de projetar para o futuro, onde a gente quer estar, porque nos roubam isso sempre. Como jovem preto, a gente já tem uma estatística, vocês como mulheres, na maioria das vezes também tem estatísticas muito ruins sobre a possibilidade

de existência de vocês. Então, essas preocupações nos tomam a vida, nos tiram a possibilidade de poder se projetar. Eu acho que poder pensar um plano de ação é poder sonhar, é poder olhar para a frente, a partir de coisas, inclusive, que nem sempre a gente tem muito, mas a gente consegue estocar ali um pouquinho da nossa alegria, organiza a nossa raiva para poder olhar e falar assim cara daqui a tanto tempo eu quero estar em tal lugar, né? E é isso assim, eu quero, é um lugar que outrora a gente não podia fazer, né? Porque a gente não tinha muitas dessas condições, então, e coisas muito básicas, né? Porque se a gente para para poder pensar, a gente está falando de dignidade humana assim, né? É inconcebível pensar que alguns desses espaços, falar sobre a Providência, por exemplo, está no epicentro da cidade. A gente está a poucos metros, por exemplo, de um local que recebeu as Olimpíadas, como foi o Maracanã. E aí você tem ali na favela um percentual de pessoas que ainda precisam botar a lenha para poder aquecer, para poder fazer comida. Pessoas que não têm banheiro para poder fazer as suas necessidades. Estamos falando de 2022. Isso é muito complicado para o Brasil. E acho que isso demonstra o quanto precisamos ainda analisar esse discurso. A gente pode olhar para a nossa sociedade e perceber que ainda tem essas coisas para fazer, o quanto a gente falhou enquanto sociedade. E aí estou falando mais especificamente da população rica, branca, patriarcal que se gaba de ter tentado construir uma civilização. E civilização para quem, amor? Porque a gente está, olha o que a gente está vivendo aqui, na atual conjuntura. Na verdade, vocês se utilizaram de toda a nossa mão de obra para poder ter o que vocês têm e o que vocês têm, na maioria das vezes, sobra. Vocês jogam fora e têm prazer em não distribuir de forma equânime o que vocês têm. Porque é isso, no final das contas o que a gente está falando é reparação histórica, jogar na cara dessas pessoas, o que elas fizeram, a gente pode fazer muito mais com muito menos. Não que a gente queira fazer com muito menos, tá? Porque eu quero fazer com o quantitativo suficiente, a que a gente tem direito. Na fala do Alan, quando ele vai falar sobre essas instituições, quando elas precisam se repensar, eu penso muito que, obviamente, sendo grato por tudo o que elas fizeram, mas é se colocar uma vez que vocês estão dentro dessas redes, redes poderosas, internacionais, de financiamento, é de como que a gente gere esse recurso. Porque quatro milhões na mão de instituições como essa, a maioria das vezes não vai voltar para a favela, vai ficar na mão de um monte de intelectual acadêmico, que é isso, vai estar lá, vai encher o lattes deles, vai ser importante para eles. O que gerou, por exemplo, um impacto na minha favela foram uns 300 mil que estavam com a Fiocruz, onde eu comprei o pão do morador que estava ali para poder fazer atividade, foi o som, foi o frete, foram os serviços, a distribuição, por exemplo, para pagar os MMS, para pagar a maioria dos agentes de saúde que estava sempre demitido da Secretaria de Saúde e a gente recolheu aquelas pessoas e botamos elas de novo em campo porque elas já tinham uma destreza e um conhecimento daquele território,

então a gente reaproveitou aquilo. Então acho que é pensar estrategicamente que esses recursos podem ser melhores administrados sobretudo, porque quando a gente pega uma planilha orçamentária não tem como botar 12 mil pra mim como coordenador e botar o morador-monitor ganhando 400 reais porque ele é pesquisador. A gente trabalha em uma horizontalidade epistêmica, de conhecimento que aquele que está naquele lugar de moradia tem tanto conhecimento quanto um acadêmico que eles vão trocar. Porque é isso, você pode ser muito conhecedor em determinado assunto, em um campo da literatura, mas quando você está no território eu sei onde é o passa-um, que é um lugar que só tem que como passar um corpo. E eu vou te levar lá para você mapear aquele lugar, a gente vai botar esse lugar nesse mapa mostrar que aquele lugar tem esses índices aqui que precisam ser pensados, avaliados e melhorados, ou lugares que, no caso da Providência, estavam no mapa da cidade e que foram apagados de forma estratégica também para não serem visibilizados, porque é isso, né? O poder local ali não quer que determinadas situações sejam afloradas para que mais pessoas não sejam removidas ou para que aquilo ali não cause mais ebulição naquele espaço. Então acho que pensar um plano como esse pra mim é pensar essa possibilidade de dignidade, reparação histórica, construir um ambiente onde a gente também possa se pensar dentro de uma riqueza e não só pensar riqueza a partir de valores financeiros, mas a riqueza a partir desse lugar que a gente pode contribuir, compartilhar, aquilo que a gente já faz na favela, que é essa a própria felicidade que a gente tem e constrói, isso não estou falando de forma romântica, poética não, mas é porque de fato isso para gente é o que sobrou e o que a gente tem e o que a gente faz acontecer.

**Leandro Castro:** Posso falar muito rápido, por favor? Só porque a fala do amigo me trouxe uma dimensão, que é pensar como que o favelado realmente precisa muitas vezes fugir daquilo que esse sistema colonial que a gente vai chamar de "branquitude", ele coloca que é o correto, que é o certo, que é o que dá certo, que é o que tem eficácia e eficiência, enfim. E aí é muito interessante porque o Nêgo Bispo, o Nêgo Bispo fala, "Não me mandem fazer direito, porque eu não sou colonizado". Então ele fala exatamente isso, eu acho que isso fala muito sobre as nossas diferenças faveladas, né? É de fato romper com essa lógica que não vem do chão, que não vem da terra, que não fala das nossas raízes, que de fato é isso, acho que é cavar um pouco mais fundo, sabe? É pisar nessa terra que a gente tem com respeito.

**Hugo Oliveira:** Acho que o Alan ia falar o metodológico.

**Alan Brum:** Não, só vou falar só rapidamente. A proposta do plano é uma proposta também como metodologia de trabalho. Claro que respeitando todas as diversidades. Mas você tem que falar, vão ou não vão fazer plano?

**Hugo Oliveira:** Sim, eu pretendo fazer. A minha questão nesse momento é porque a gente está acabando de fazer a apresentação dos dados do censo. Então, isso vai ser apresentado, vai ser colocado. E aí, logo em seguida, uma vez que a gente já tem esses dados, para as pessoas, para a sociedade, como um todo, morro na sociedade, a gente quer retomar. Mas é isso, eu quero retomar isso de uma forma um pouco melhor, porque quando, por exemplo, eu desenhei o escopo financeiro para fazer o levantamento do Censo, depois a gente vai ter que corrigir aquilo ali, porque eu falei "cara tinha muita coisa que eu tinha que ter colocado e não coloquei, tinha que trabalhar mais, não sei o quê", então, agora fazendo esse levantamento, eu quero, é isso poder convidar pessoas, deixar ali um recurso específico para que a gente consiga fazer essa mobilização, porque afinal de contas é trabalho, é trabalho para caramba assim. Para entregar isso aqui, eu sei que inclusive, me corrija se eu estiver errado, parece que o Alan e o pessoal do Complexo do Alemão quando entregou pro Lula estava no word ainda, né?

**Alan Brum:** Estava.

**Hugo Oliveira:** Então, é isso assim, porque a estética faz diferença, sobretudo quando está na nossa mão, então a gente quer entregar uma coisa que faça um diferencial. Então agora eu quero, agora captar, né? Botar isso projetado lá, organizado, submeter em algum lugar, para que a gente tenha recursos para poder fazer esse plano de ação, porque tem muita coisa para fazer. Tem muita coisa para falar.

**Alan Brum:** Mas é isso mesmo, é como você falou. Agora não é mais projeto, agora as coisas são processos. Então, esquece agora, aumenta amanhã. Você vai fazer o plano?

**Leandro Castro:** A Rocinha está em discussão para poder, a gente não sabe ainda se é plano, a gente não sabe que nome vai dar, mas enfim. Tem essa narrativa de que a Rocinha é uma das favelas mais pesquisadas, enfim. E a gente está aos poucos também fazendo uma organização, porque eu acho que já parte de um outro trabalho que acho que não é tão plano, mas é também muito inspirado no que o Raízes em movimento fez, que é a bibliografia comentada. A gente já está fazendo a bibliografia documentada, já como um dos projetos que foram aprovados lá pela Faperj. Então, assim, de alguma forma, já tem coisas acontecendo. E eu espero que saia muito o documento, sabe? Também inspirado no plano,

porque eu acho que é um ganho, assim, para essa nossa incidência política, né? Para que a gente possa dialogar e mostrar cada vez mais a força que a favela tem, aquilo que ela produz e vier produzir. Mas, enfim, tudo isso também depende, como falou, de questões que tem a ver também com financiamento, tem a ver com a burocracia que a gente ainda enfrenta, por exemplo, nos processos dos editais, o reconhecimento da memória como algo relevante, importante. A gente tem ainda editais muito, o fomento muito mais para audiovisual do que de fato para esses trabalhos que vem mais nessa perspectiva da museologia, da produção cultural, grafite, enfim, essas questões todas mais voltadas para os artistas locais. Mas é isso, acho que a gente tem que aproveitar esse momento também, porque querendo ou não se a gente for comparar com outro governo, está tendo um boom de editais aí e a gente tem que, é isso, se ver nesse lugar também, escrever para os editais, é uma coisa que muitas vezes gera insegurança também, a galera não sabe escrever, mas cada vez mais eu acho que que a gente faz essa rede circular, fazer chegar um favelado onde tem curso de produção cultural, elaboração de projetos, e a gente ir se ajudando e se fortalecendo nesse sentido para a gente se fazer presente nesses processos também de gestão.

**Douglas Heliodoro:** Em Rio das Pedras o grande desafio é mobilizar uma galera, por exemplo, no Conexões é uma galera jovem, trabalhadora, que não tem esse tempo para se dedicar a pesquisa ou sistematização ou participar das ações. Então isso é desafio para a gente. Tem um grupo que, que a gente se relaciona, que é a da agenda Rio das Pedras, que está no processo de elaboração, de debate com outros coletivos, a gente participa disso, da agenda Rio das Pedras 2030. Então a gente está nesse movimento e a gente precisa desse, buscar esses editais para ter, enfim, de fato, um grupo que possa se dedicar às pesquisas e o levantamento de dados numa perspectiva mais ampla da favela, que a Agenda em si talvez não dê conta. A gente vai dialogar e vai fazer junto.

**Alan Brum:** Só queria assim, eles já responderam tudo, mas só assim dizer que esse processo foi um processo no Complexo do Alemão um pouco longo, porque a gente fez a pesquisa de 2019/2020, que é a pesquisa de percepção do morador sobre políticas públicas, uma pesquisa de dois anos de trabalho com os jovens do próprio Complexo do Alemão, escutou mais de 2 mil pessoas com o recorte estatístico, com validade de proporcionalidade, de sexo, de idade, etc. Proporcionalidade em relação ao quantitativo de moradores em cada uma das favelas. Foi feito uma técnica sobre fluxos, e não de casa em casa, foi feito em fluxos, nos lugares de maiores movimentos nas favelas do Complexo Alemão. Então foi todo um processo longo e que terminou no início da pandemia, e que a gente já ia fazer o plano. Mas não dá para fazer o plano com a pandemia, não dá para,

porque plano é uma parada que tem que ter debate, né, cara a cara. Então, em 2021, a gente fez o curso, que eu estava falando de história e memória, e juntamos com a diversidade de atores, né? Tanto de organizações, como moradores comuns, como pesquisadores de favela, quanto profissionais de saúde, profissionais de educação, e foram 180 inscrições para esse curso, 80 cursaram o curso todo. Aquilo foi aglutinando uma diversidade de atores no Alemão. No ano seguinte, em 2022, no ano passado, estava pronto a mobilização para a gente avançar. A discussão do curso era a discussão sobre a memória das lutas, da história da ocupação. Então, estava todo mundo muito preparado já para avançar. Então, chegamos em 2022, começamos com cinco organizações, sete, oito, nove, dez, doze, terminando o plano com 15 que foi no fórum lá que vocês estava, no fórum lá na Rua Olímpica, e depois agregaram mais 8 organizações depois de pronto. E não é uma coisa estática. Hoje nós começamos, esse mês agora, começamos um curso, um projeto, que é o recorte da mulher na agenda. Já tem aqui, só que a gente quer aprofundar pela centralidade da mulher. Então três organizações do Alemão, estão fazendo um curso de formação política com as mulheres, tem um trabalho de pesquisa de políticas públicas e mulheres, e tem também uma oficina de fotografia. Então até fevereiro do ano que vem vai sair um anexo de todas essas políticas públicas e de setorialidade em relação à mulher. E acho que ele é dinâmico. Um outro grupo que está lá, a gente não fez da cultura. Vai fazer da cultura agora, vai ter uma agenda da cultura. É isso, faz o que dá, o que dá para fazer a gente consegue fazer. Mas também tem todo o jogo, tem o tempo político. Então, assim, a gente queria fechar uma agenda, não é a melhor de todas as agendas, mas era uma agenda possível em 2022. Essa era a meta. A gente queria, na mudança com o governo, a agenda está pronta. Uma agenda pronta, não que ela seja instável. E aí a gente continua dentro desse processo, mas foram etapas de produção, de informações locais, a maioria das pesquisas dos dados oficiais são dados quantitativos, é difícil ter uma percepção do morador sobre políticas públicas. Que porra é essa, como é que você consegue isso? Como é que você trabalha isso? E daí emergir isso e dialogar com o dado do IBGE, dado do IPP, da diversidade de dados oficiais de como está a situação da água do Alemão, segundo o IBGE. Como o morador percebe a chegada da água e da qualidade dessa água? São dados completamente distintos. 99% segundo o IBGE tem o fornecimento de água adequada do Complexo do Alemão e na maioria das favelas. E na cidade do Rio de Janeiro é 1% do fornecimento de água inadequado. E no Complexo do Alemão é 0,5. O Complexo do Alemão está melhor do que a cidade, no fornecimento de água. O que está aí? Qual o problema aí? E quando a gente está falando de fornecimento, de produzir dados locais, é exatamente disso. Qual a pergunta que o IBGE fala? Qual a pergunta que o IBGE faz para a favela? Porque a história da favela, o histórico da favela, ele se dá de um outro lugar. Quando a gente vai falar da água, a gente está falando de locais que tem 30, 40, 50 anos,

que tem problema com a água. A gente avançou? Claro que avançou. Fornecimento é igual ao da cidade? Não, não é. Mas, se você pergunta, você tem água na sua casa todo dia? Sim, vai dar 99%. Mas ninguém vai falar "você tem um fornecimento diário de água na sua casa". Se fizer essa pergunta, o resultado é outro completamente distinto porque na favela, cai três vezes na semana e aí as estratégias de sobrevivência é fazer cisterna, botar caixa d'água sobressalente, etc. Vai criando alternativa para ter água todo dia. Então para ele, se a pergunta é "tem água?". "Tenho, todo dia". "Mas cai todo dia?" Ninguém pergunta se cai todo dia. Porque eu sei que na cidade cai todo dia. E aí? O direito à água é igual? Não é. Aí o Complexo do Alemão tem 0,5% de fornecimento inadequado e a cidade do Rio de Janeiro tem 1%. O que é isso? São esses questionamentos e problematizações que a gente tem que fazer o tempo todo. Seja na produção acadêmica, seja na produção de dados oficiais. Então é todo dia um, dois, três leões para matar. Acho que é um pouco isso que a gente tem feito. Queria passar rapidamente um minutinho para cada um, considerações finais e a gente fecha o nosso ciclo.

**João:** Posso fazer mais uma pergunta?

**Alan Brum:** Mas só se ele responder em um minuto, senão não dá tempo. Eu só canso, olha lá, senhor. Eu fico aqui até as 23 horas.

**João:** Oi, gente. Boa noite. Desculpa a voz, eu estou um pouco resfriado, mas teste negativo.

**Alan Brum:** Chega para trás. Eu só estou brincando, cara.

**João:** E aí eu queria perguntar um pouco sobre como é que foi esse, esse debate sobre a mudança da categoria das favelas no IBGE, qual é a importância para os debates atuais. Obrigado.

**Alan Brum:** Bom, eu vou responder, mas vocês podem responder, mas como eu fui para o encontro, né? Mas vocês podem ficar à vontade.

**Hugo Oliveira:** Eu vou responder e já dar a minha consideração que eu já mato. Tá bom?

**Alan Brum:** Tá, beleza.

**Hugo Oliveira:** Como Alan falou, né? Ele teve lá, então acho que ele vai responder se de forma um pouco mais aprofundada que eu. Mas ao meu ver, não era um debate, né? Era só

uma consideração de uma coisa que, assim, eles não queriam ver durante um longo tempo. Já estava já posto, acho que foi lá para poder dizer assim, tomar vergonha na cara, né, tem como esse senso agora dormido em 23, diante da quantidade de pessoas que estão se envolvendo, fazendo que, as coisas acontecendo, né, pesquisadores, favelados, todos qualificados, é insustentável falar sobre aglomerados subnormais. Não tem mais como. Acho que foi só ali para uma consideração. Não tinha mais que debater e dizer que no próximo censo vai vir com outro nome. Acho que foi mais para definir de fato qual seria esse nome, o que eu acompanhei de debate. A minha consideração final é, mais uma vez, falar que dia 14 terá nosso encontro então reforçar isso. Pedir a vocês para seguirem as redes sociais. Falar sobre a agenda, a gente está nesse momento de construir o nosso plano diretor. A ideia é ter um espaço expositivo no museu fixo também, onde a gente consiga organizar esse acervo de fotografias. Descobri que recentemente parte do acervo do Augusto Malta foi disponibilizado, mas tem Marc Ferrez também. Então tem muitas outras fotografias que a gente estava avaliando. A gente tem uma equipe de museólogos, de pessoal de acervo mesmo. Inclusive, eu estou fazendo um curso que foi pensado, projetado, Palloma e Alan, para entender um pouco melhor de quais são as necessidades que a gente tem, que às vezes a gente nem sabe quais são elas, como a gente faz, mas tem pensado muito na possibilidade de a gente fazer isso online, inicialmente, colocar isso ali. Então a gente também está tentando organizar isso estruturalmente para chegar para um captador e apresentar isso para ele. Já tem isso no ISS. Então, esses são os nossos próximos passos. Tem esse espaço onde a gente tem ali uma galeria falando sobre Providência, falando sobre estiva, falando sobre o centro do rio, falando sobre a favela. E um espaço de galeria também contemporânea, que discute essas novas relações que existem entre a favela e a sociedade. E a galeria ser esse espaço de pensar os artistas que estão ali no local para ter um comércio, material, fazer as incidências no campo da educação, da arte, promoção do desenvolvimento profissional, da juventude, mobilizar aquele local com as potências que acho que a gente tem. Então é um pouco disso. Siga lá a gente, eu também estou disponível nas redes sociais, eu sou o Hugo Oliveira. Muito obrigado.

**Alan Brum:** Valeu. Obrigado.

**Leandro Castro:** Sinceramente, com todo respeito a você que estava lá. Mas eu acho um debate não tão relevante quanto outros, sabe?. Eu acho que realmente a gente precisa se atentar a crise climática, como isso vai atingir as favelas. Eu realmente tenho muito medo da próxima chuva forte na Rocinha, como é que vai ser. Então eu acho que tem debates que são tão urgentes. E aí eu acho que é falta de memória mais uma vez, porque, sei lá, a

gente até discutiu isso no curso, se a galera tivesse realmente, assim, atento, né, as produções acadêmicas, aquilo que tem já surgindo de pesquisa você ia acessar como que esses pesquisadores já, com o que a gente já se reporta às favelas, então não precisaria disso, né, então assim, acho que é um pouco disso, tem coisa mais urgente para gente discutir, mas realmente considerando que bom que o Alan estava lá como uma pessoa favelada para poder sustentar essa dinâmica desse debate, porque eu entendo também que é um debate muito para além da escolha de um nome, realmente tem uma dimensão política muito grande, todo mundo sabe disso. Eu quero aproveitar mais uma vez para agradecer vocês pela oportunidade de estar aqui, está falando um pouquinho das nossas lutas lá da Rocinha, a partir do Rocinha Resiste, a partir do Museu Sankofa, convidar vocês a entrarem também nas redes sociais do Rocinha Resiste, @arocinharesiste. Vocês vão ver lá a memória toda desse processo da pandemia, a nossa rede social está bem congeladinha nesse momento, nesse período, a gente está agora discutindo formas de realmente retornar às atividades e dar uma atualizada nas nossas redes sociais. E o site do museu como vocês puderam ver que realmente está lançado recentemente com acessibilidade, que a gente também tem lá parte do acervo do museu. O museu ainda está organizando um acervo imenso, mais de 19 mil documentos, só que a Lygia Segala entregou como parte dos processos de pesquisa dela de acervo de pesquisa. Então, a gente tem muitos outros documentos para além disso, jornais antigos, entrevistas, enfim. E quem quiser também participar do percurso histórico da Rocinha, entra em contato, a gente consegue organizar essa visita lá, trazendo toda essa perspectiva histórica da Rocinha para vocês. Tá bom? Obrigado, gente.

**Douglas Heliodoro:** Eu concordo com você que é um debate que a gente não devia gastar tempo. Por outro lado, eu entendo que essa construção dessa identidade favelada ainda é algo em construção. Rio das Pedras, por exemplo, você chama de favela, tudo quanto é canto que chama de favela, a galera vai falar assim “não, é comunidade. como assim? é comunidade”. Foi construída, essa narrativa, está em disputa, foi estabelecido essa coisa de comunidade Rio das Pedras. Quando você chama de favela, a galera ainda não tem isso construído. E aí quando circula por outros espaços, educação, educação básica, a gente lida muito com a galera. A gente não estava falando da academia, está falando da educação básica, do chão, da EJA e tal, ainda tem essa rejeição por essa falta de memória, esse conhecimento histórico da favela. Então acho que nesse sentido foi importante, foi importante, porque um órgão oficial quando anuncia a favela e tal isso ajuda nessa construção, nessa reconstrução. Eu agradeço também pela abertura desse diálogo, acho que foi muito bacana. É sempre um aprendizado ter essa troca. Em Rio das Pedras, eu, a gente, não só o Conexões Periféricas, mas os coletivos que lá estão atuando, as lideranças

que estão atuando reabriram um espaço de diálogo com outras instituições, com a academia. Eu acho importante a gente fortalecer esse espaço devido a todo esse histórico de cerceamento. Então, são jovens, juventudes trabalhadoras que têm uma dificuldade enorme para poder tocar as coisas. Então, se a gente consegue fazer essas articulações a gente fortalece esse espaço e a gente mantém aberto esses espaços de diálogo e fortalece para ampliar ainda mais. Então, conto com essa articulação para a gente fortalecermos lá. Obrigado.

**Alan Brum:** Bom, vocês já viram que a gente também precisa que a galera acesse as redes, né? Ajude a propagar um pouco o debate, a discussão e a produção de cada um das organizações, né? Bom, sobre a questão do IBGE eu acho que tem dois pontos, tem até alguns pontos que são fundamentais de colocar. O primeiro ponto tem uma disputa aí da narrativa, estigmatizante e que é importante trocar o nome, mas também não foi uma semana só para trocar o nome, porque também aí seria desperdiçar tempo, foi uma discussão também de discutir metodologia, discutir a porosidade e o alcance das subnotificações das favelas, do levantamento de dados. Aí entendendo também que o IBGE é um órgão que produz, é um órgão oficial que está em todas as unidades, em todo o Brasil e que produz os principais dados definidores da destinação de recursos públicos para políticas públicas. Então, o debate foi um pouco mais além, da gente contribuir, sair uma carta com as recomendações com o que foi colocado para a gente poder ampliar essa permeabilidade do IBGE a partir de uma rede de organizações locais, porque no último censo, na última hora chamaram uma organização como se ela representasse e conseguisse fazer essa entrada dentro das favelas do Brasil inteiro. Se a gente teve lá dez organizações de espaços periféricos, já foi uma discussão enorme para poder definir um nome. Já foi uma discussão enorme porque a diversidade é grande, é quebrada, é periferia, é favela, é comunidade, é vila, é palafita. A diversidade é da periferia do Brasil. Então, para definir, já foi difícil. Imagina se vai ter uma organização dando conta dessa diversidade toda. Então também foi uma questão de qual a estratégia, não no próximo censo de 2030, mas de inter censos, que tem bem no caminho aí, muitas pesquisas que acontecem também. Então, uma mudança metodológica, a comissão consultiva que foi criada para construir o encontro é uma comissão consultiva que foi definida para manter com o IBGE no sentido de implementação dessas mudanças metodológicas do IBGE. Então, assim, foi. E aí a ideia sempre é pautada na política pública, porque se a gente tem os dados com maior detalhamento, menos subnotificado, a gente consegue avançar no bolo do orçamento voltado para essas periferias. Porque é ali que se divide o bolo. O bolo nacional é ali, com dados de A, B, C, D para as políticas públicas. Então, teve esse valor também dentro desse encontro que foi muito bom. Bom, queria encerrar essa mesa, agradecer demais. Douglas

Heliodoro, Leandro Castro, Hugo Oliveira. Então siga as redes sociais, tá? Acho que é importante a gente ter esse retorno de vocês também, de propagar o trabalho. Espero ter contribuído, a gente ter contribuído com essa mesa, de forma significativa, para as reflexões sobre memórias e políticas públicas nas favelas. Obrigado.

**Liliana Sanjurjo:** Eu queria agradecer muito, muito, muito a mesa, a generosidade de vocês, de querer compartilhar o conhecimento e toda essa experiência que vocês tem, né? E o Alan, por ter mediado aqui essa mesa, e queria convidar todo mundo para estar nas próximas, né? A gente tem mais dois momentos aqui, a mesa 3, que vai ser aqui no PPCIS de novo, nesse mesmo auditório, no mesmo horário, de 18hrs às 21hrs da noite, que vai ser dia 30 de outubro agora, que tem como tema Infraestrutura e meio ambiente. E a última mesa, que vai ser no IESP, que é a mesa de encerramento, dia 27 de novembro, que se chama "Pandemia nas Favelas e Periferias". Então eu convido todo mundo, inclusive vocês, o Hugo, Leandro e Douglas, para estar lá, Alan também se puder estar lá, estar com a gente também nesses outros momentos e estar aqui também. Então agradecer a generosidade de vocês de verdade e vamos continuar esse diálogo e vamos nessa.